



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Faculdade de Psicologia

Júlio César Santos Souza

MUCURI: Cartografia e produção de multiplicidades

BELO HORIZONTE

2012

Júlio César Santos Souza

MUCURI: Cartografia e produção de multiplicidades

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Parreiras Gomes

BELO HORIZONTE

2012

Júlio César Santos Souza

MUCURI: Cartografia e produção de multiplicidades

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Arthur Parreiras Gomes (Orientador) – PUC Minas

Silvia Regina Eulálio de Souza (Leitora) – PUC Minas

Belo Horizonte, 13 de junho de 2012

***Dedico a todos aqueles que, no fazer parte,
compõem vida e história em Mucuri.***

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles, que conectados a mim compuseram, vibrantes e intensos, serenos e sábios, os movimentos e saltos que possibilitaram-me à realização do presente trabalho. Em especial:

A minha querida mãe, que com sua doçura ensinou-me a serenidade da vida, e com seu amor nos momentos difíceis, sempre me acolheu.

Ao meu pai, que acreditou em mim, ancorou e sedimentou os meus passos.

Ao meu querido irmão, por sê-lo e estar sempre ao meu lado.

Ao Prof. Arthur Parreiras Gomes, pelo carinho, simpatia, delicadeza e envolvimento com o qual acolheu e de braços abertos orientou o presente trabalho. Suas vibrações transpareceram, o brilho em seus olhos se evidenciou, e com seu entusiasmo sem igual contagiou-me, ensinando-me a amar um objeto de estudo.

A Profa. Silvia Regina Eulálio de Souza, pelas preciosas contribuições como leitora.

Às vozes do Mucuri, que em mim ecoaram permitindo tecer os fios dessa construção.

Aos meus amigos-irmãos, que de perto acompanharam os meus movimentos.

Aos professores de minha vida, que me ensinaram a ver o mundo para além de minhas fronteiras.

Aos colegas e amigos de classe, pela rica troca de experiências.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para essa construção.

Primeiro, caminhe até a tua primeira planta e lá observe atentamente como escoar a água de torrente a partir desse ponto. A chuva deve ter transportado os grãos para longe. Siga as valas que a água escavou, e assim conhecerá a direção do escoamento. Busque então a planta que, nesta direção, encontra-se o mais afastado da sua. Todas aquelas que crescem entre estas duas são para ti. Mais tarde, quando estas últimas derem por sua vez grãos, tu poderás, seguindo o curso das águas, a partir de cada uma destas plantas, aumentar o teu território (CARLOS CASTAÑEDA APUD DELEUZE E GUATTARI, p. 21-22.)

RESUMO

O estudo que aqui se apresenta, versado pela Esquizoanálise, objetiva cartografar Mucuri, um dos distritos da cidade de Teófilo Otoni, localizado no nordeste de Minas Gerais, com população de aproximadamente 7 mil habitantes, incluindo moradores da zona rural. Por meio de uma compreensão esquizoanalítica, cartografar Mucuri é ler Mucuri enquanto um rizoma. Ler Mucuri como rizoma é dizer dos diversos elementos que transversalizam e compõe essa realidade e a produção de subjetividades. Assim, nesse caminho, ler o distrito de Mucuri como um rizoma, é também discutir as relações de produção subjetiva. Para tanto, apresento a esquizoanálise como chave de leitura, campo de conhecimento, produção e aplicação do mesmo, assim como uma compreensão dos processos de subjetivação. Metodologicamente a pesquisa de campo e a cartografia mostram-se como possibilidades. A cartografia que na esquizoanálise é apresentada como método de investigação da complexidade, sustenta-se na invenção e implicação do pesquisador, que ao cartografar religa a pesquisa com a vida. Assim sendo, o presente estudo esforça-se por buscar o conhecimento diante a complexidade, numa crítica de não curvar-se a dogmas reducionistas e abrindo-se para as multiplicidades.

Palavras Chaves: Mucuri; Cartografia; Processos de Subjetivação; Esquizoanálise; Multiplicidades.

ABSTRACT

The study presented here, the schizoanalysis knowledgeable, objective mapping Mucuri, a district of city Teófilo Otoni, located in northeastern Minas Gerais, with a population of about 7000 inhabitants, including rural residents. Through an understanding schizoanalytic, mapping Mucuri Mucuri is read as a rhizome. Read Mucuri rhizome is a true of many elements and compounds that cross this reality and the production of subjectivities. Thus, in this way, read the district Mucuri as a rhizome, is also discussing the relations of the subjective. I present the schizoanalysis as a key to reading the field of knowledge, production and application of it, as well as an understanding of the processes of subjectification. Methodologically the field survey and mapping show up as possibilities. The cartography that in schizoanalysis is presented as a method of investigation of complexity, it is held in the invention and involvement of the researcher mapping reconnects with life. Therefore, this study endeavors to seek knowledge on the complexity, not a criticism of the bend reductionist dogmas and opening up to the multiplicities.

Keywords: Mucuri; Cartography; Processes Subjectivity, Schizoanalysis; Multiplicities.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A ESQUIZOANÁLISE E AS TERRITORIALIDADES DESTERRITORIALIZANTES	15
3. CARTOGRAFIAS DE MUCURI	29
3.1. Do Brasil ao Vale do Mucuri e do vale ao distrito de Mucuri	30
3.2. As vozes do Mucuri.....	42
3.3. As multiplicidades polissêmicas e polifônicas de Mucuri.....	57
4. CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS.....	66

1. INTRODUÇÃO

O que vem a se realizar com esse estudo monográfico é algo para além de um trabalho acadêmico de conclusão de curso. É o coroamento do que significou o encontro de uma peculiar história de vida com o emblemático e intrigante saber da Psicologia. O que vem a se desenvolver como tema é fruto de uma relação íntima de uma história e seus deslocamentos.

Estudei o Ensino Fundamental e Médio na Escola Estadual de Mucuri, uma pequena escola de um dos distritos da cidade de Teófilo Otoni chamado Mucuri. Situado a 32 km de Teófilo Otoni, Mucuri está localizado na região nordeste de Minas com população de aproximadamente 7 mil habitantes, incluindo os moradores da parte considerada zona rural.

As condições econômicas, produtivas e culturais de Mucuri não exigem das pessoas uma demanda de formação técnico-profissional altamente exigente como ocorre nos grandes centros comerciais das grandes capitais. O conhecimento técnico dos meios de produção, em sua grande maioria, é passado através das gerações de maneira informal. A movimentação econômica e produtiva é predominantemente o pequeno comércio e o agronegócio.

Economicamente pobre e próximo ao Vale do Jequitinhonha, em Mucuri se evidencia uma característica rústica, de pequeno vilarejo de interior, onde as pessoas costumam viver suas vidas de modos muito simples, sem grandes preocupações com as carreiras profissionais ou alguma outra espécie de formação técnica. Em função dessas características não há profissionais graduados no ensino de 3º grau, com exceção de alguns poucos que predominantemente são professores. Os professores que lecionam na escola costumam ser de outra cidade e, por serem profissionais da educação, profissionais de ensino-aprendizado, são respeitados e queridos pela comunidade.

Penso que possivelmente foi aí que surgiu o meu interesse e admiração pelo campo da educação, dos estudos e do conhecimento, principalmente por ser um meio com o qual tive maior contato e em minha época possibilitou-me pensar o mundo para além da realidade a qual vivia. Eram os professores que nos despertavam e nos apresentavam um mundo até então pouco conhecido.

Recordo-me que no 2º ano do Ensino Médio a maioria de nós alunos, para não dizer todos, não sabia o que era um vestibular. Não sabíamos e não nos era falado a respeito, não havia demanda para tal. Compreensível até, havia pouco interesse para questões como tais. A preocupação maior da comunidade era com a sobrevivência e o mínimo de educação formal.

Ao contrário da grande maioria, principalmente os colegas de minha idade, fui capturado por outras coisas, tive perspectivas diferentes. Depois de terminado o Ensino Médio, sonhava em continuar, vislumbrava possibilidades de me ingressar numa universidade.

Talvez tenha sido essa minha motivação para ingressar na universidade. Comecei a investir esforços para tal e como não havia condição alguma de custear uma universidade privada, procurei saber sobre outras possibilidades. O engraçado é que mal sabia o que era uma universidade. Essa para mim, era uma realidade muito distante, principalmente no que diz respeito a custeio financeiro. Vislumbrando, dediquei-me aos estudos por um tempo, até que depois de inúmeras tentativas, conquistei uma bolsa de estudos pelo “Programa Universidade Para Todos” (ProUni). Essa foi sem dúvida, uma das grandes conquistas da minha vida. Fui o primeiro aluno da comunidade de Mucuri a conquistar uma bolsa de estudos, na grande capital, numa das melhores universidades do país. Sem conhecer e pouco saber sobre a vida na grande capital me lancei nesse horizonte, início de grandes transformações as quais passei e venho passando até hoje. Iniciei o curso de graduação em Psicologia pela PUC Minas.

Ao longo desses anos de estudo, dedicação e transformações pelas quais passei no encontro com a Psicologia, me interessei por muitas coisas, com as quais enxerguei possibilidades de realização e atuação no campo. Dentre as várias possibilidades de caminho, fui traçando o meu próprio, me dedicando mais àquilo que me chamava à atenção e menos a áreas com as quais tinha menor interesse.

Nesse percurso, com o passar do tempo, fui me percebendo ligado às perspectivas que de certa forma traziam noções de uma Psicologia mais ampliada. Perspectivas que pensavam a subjetividade humana numa dimensão para além de processos intrapsíquicos e que abarcassem aspectos mais globais como os processos sócio-histórico-culturais. Tive interesse em disciplinas como Filosofia, Sociologia, Antropologia, Bases Epistemológicas da Psicologia, Análise Experimental do Comportamento, Análise Comportamental Aplicada, Psicologia

Social, Psicologia Institucional, Psicologia da Educação, Teoria Sistêmica, Ética e Psicologia, Psicologia e Políticas Públicas, Saúde Mental e Trabalho, Perspectiva Sócio-Histórica da Psicologia, Intervenções Psicossociais, Psicanálise, Psicologia e Organizações do 3º Setor, Clínica do Trabalho e Subjetividade e Sociedade Contemporânea.

Dentre essas disciplinas mencionadas, me interessava bastante fazer intercâmbios que pudessem contribuir numa visão mais além, que me fizesse ir à frente, considerar aspectos, variáveis, elementos que abarcassem a globalidade e complexidade da vida humana. Identifiquei-me com a fundamentação do Behaviorismo Radical. Essa episteme considera que para se compreender o homem é preciso considerá-lo como produto de três grandes processos-história, a filogênese, a ontogênese e a sociogênese que, em outras palavras, quer dizer que o ser humano em sua complexidade enquanto ontogênese (pessoa, individualidade, história de vida) é produto da interação entre filogênese (espécie, corpo biológico-genético) e sociogênese (ambiente-social-histórico-cultural-evolutivo).

Além desse ponto de vista mesclei conhecimentos de diversos campos, sempre buscando essa articulação maior. Também me identifiquei com a Teoria Sistêmica e seu princípio de investigação da complexidade. Nesse campo me chamou a atenção o epistemólogo da complexidade, assim chamado, Edgar Morin e o epistemólogo da comunicação, Gregory Bateson.

Nessas idas e vindas, nesses passeios sobre esses diversos campos, sempre aberto a conectar-me ao complexo e tendo como intercessor o atual orientador desse trabalho, conheci a Esquizoanálise, campo pelo o qual fui afetado e enxerguei possibilidades teórico-metodológicas para fundamentar o presente estudo.

O estudo monográfico que aqui se apresenta, tem como objeto de estudo o distrito de Mucuri, e no caminho de investigação que prima pela complexidade, apoia-se na esquizoanálise como chave de leitura.

Acredito que estudar a realidade do distrito de Mucuri seja uma tentativa de buscar o conhecimento diante a complexidade, além de possibilitar-me, enquanto futuro profissional, problematizar questões que dizem respeito ao compromisso ético, político e social da Psicologia enquanto ciência e prática.

Creio ainda que esses compromissos dizem de uma psicologia ampliada que, como ciência, a todo o momento deve manter-se crítica, pensando e repensando

seus saberes, com o cuidado devido para não curvar-se a saberes hegemônicos, que em grande medida comprometem a leitura da realidade e subjagam minorias.

A problemática que norteia o trabalho é: como ler Mucuri enquanto rizoma na perspectiva esquizoanalítica e suas relações de produção de subjetividade? Assim, o estudo objetiva ler Mucuri como rizoma e, nessa leitura, enfatizar a discussão das relações de produção de subjetividades, as relações que permitem os processos de subjetivação.

Por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e documental, utilizando a cartografia como método de pesquisa e análise, que nas palavras de Gomes (2010) resgata a dimensão subjetiva da produção e criação de outros saberes, busco na diversidade de vozes do distrito de Mucuri através de entrevistas, observação direta e análise de documentos, mapear essa realidade.

A escolha dos entrevistados, que se deu em consonância aos princípios do rizoma, primou por estratificar uma amostra o mais heterogênea possível, na qual busquei fazer concordância às multiplicidades e polifonias do rizoma Mucuri.

De forma a capturar também as linhas de fuga, procurei criar uma atmosfera em que as entrevistas acontecessem de maneira flexível, baseadas em alguns momentos, no princípio de associação livre. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas em seu conteúdo por meio da Análise de Conteúdo.

As perguntas orientadoras das entrevistas foram: O que é Mucuri pra você? Como é viver em Mucuri? e Como é ser em Mucuri morador antigo / lavadeira / caboclo da roça / assistente social / aluna da escola / professor/ moradora homossexual/ comerciante/ visitante da praça/ pastor/ bijuseira / universitário?

Sendo assim, o capítulo que segue a esta introdução - A Esquizoanálise e as territorialidades desterritorializantes - apresenta a esquizoanálise como chave de leitura, campo de conhecimento, produção e aplicação do mesmo, assim como seu matiz político e protagonistas: Gilles Deleuze e Feliz Guatarri. O capítulo também apresenta o conceito de rizoma e os princípios que o orientam: o princípio de conexão, de heterogeneidade, de multiplicidades, de ruptura a-significante, de decalcomania e de cartografia. Ainda sobre a cartografia, que na esquizoanálise mostra-se como princípio e método, o capítulo apresenta contribuições de outros estudiosos do método cartográfico.

O capítulo apresenta ainda uma discussão da subjetividade enquanto processo que, tal qual o rizoma, está conectada a tudo que nos rodeia. A

subjetividade, entendida a partir da esquizoanálise como agenciamento coletivo da enunciação, encontra-se em determinações coletivas de várias espécies. Ao discutir a subjetividade sob a perspectiva dos agenciamentos de enunciação, problematizo as contribuições de Bakhtin no entendimento da enunciação e das dimensões sógnico ideológica como operadoras dos processos de subjetivação.

O terceiro capítulo - Cartografias de Mucuri - refere-se propriamente ao mapeamento do distrito de Mucuri, onde ao narrar, busco elementos histórico-simbólicos da exploração do Vale do Mucuri que, embutidos no contexto brasileiro onde predominou uma política de ocupação de espaços, culminou nas condições para o nascimento de Mucuri como povoado. Ao tecer e narrar esses diferentes elementos histórico-simbólicos e suas marcas, busco também falar de Mucuri a partir de suas várias vozes: o Morador antigo, a Lavadeira, o Caboclo da roça e sua Esposa, a Assistente Social, a Aluna da escola, o Professor, a Moradora homossexual, o Comerciante, os Visitantes da praça, o Pastor, a Bijuseira e seu Pai e o Universitário.

O terceiro capítulo apresenta ainda as multiplicidades polissêmicas e polifônicas de Mucuri, mais especificamente ao caminho da cartografia e das dimensões múltiplas do entrecruzamento Mucuri e Esquizoanálise.

Para concluir, discuto a importância do estudo de Mucuri na produção de conhecimento para a Psicologia. Problematizo a importância do estudo de realidades sócio-histórico-culturais no entendimento da subjetividade que, especialmente, convocam a Psicologia à sua responsabilidade e compromisso ético, político e social. Problematizo ainda a importância do entendimento sógnico-ideológico como operadores dos processos de subjetivação, bem como sua importância à Psicologia.

2. A Esquizoanálise e as territorialidades desterritorializantes

A esquizoanálise, protagonizada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, é um campo de conhecimento, produção e aplicação do mesmo. A esquizoanálise conversa com diferentes campos de saber e, em sua multiplicidade e transversalidade, pode encontrar com distintos espaços da produção humana. Gilles Deleuze, filósofo, escreveu sobre cinema, lógica, artes plásticas, política, estética, literatura, pintura, história, dentre outros. Já Félix Guattari, jornalista, músico, psicanalista, aluno de Jaques Lacan, criador da análise institucional e militante político de esquerda, escreveu também sobre os mais variados temas, dentre os quais se destacam, saúde mental, psicanálise, semiótica, cinema, política, economia e o panorama do mundo atual.

Segundo Baremlitt,

a obra desses autores é muito difícil ou impossível de situar em um gênero dos já conhecidos. Como se pode apreciar pela trajetória intelectual e pelos títulos de seus escritos, eles trataram de quase todas as especialidades importantes, mas sempre de maneira original, buscando interpenetrações dos campos e dos conhecimentos, mas sem abandonar nunca um matiz político, que perpassa toda a sua produção. (BAREMLITT, 2010, p. 109)

Ainda segundo Baremlitt, a esquizoanálise é

um processo de investigação, de produção de saberes e de aplicação dos mesmos, para transformar o mundo (no sentido tanto da organização social, política econômica, da subjetividade dos “humanos” e ainda das máquinas que modificam a relação ser humano-natureza). A esquizoanálise não tem necessariamente que ser feita por especialistas e, além disso, cada um faz a sua maneira, a partir da inserção social que tenha e da causa em que esteja envolvido nas lutas do mundo (sexual, artística, política, industrial, militar etc.). (BAREMLITT, 2010, p. 113)

Segundo Baremlitt (2010), a esquizoanálise se ocupa fundamentalmente com uma *raspagem*. A partir de um trabalho teórico e operacional, consiste em demolir as entidades da superfície de registro-controle que afetam o território em que se movem os agentes implicados. Em outras palavras, esta raspagem se apoia em entender e denunciar a lógica de dois valores, o Bem e o Mal, com os quais costumamos definir o que é normal e o que não é em meio às inúmeras singularidades.

A esse respeito, Deleuze e Guatarri evocam Espinoza, um de seus intercessores, ao falar dessa questão. Os valores do bem e do mal em Spinoza não tem sentido, uma vez que são essencialmente finalidades de criaturas finitas. Problematizar o mundo sob esses valores, que são incorporados como eminentes, é diminuir a potência do agir humano. Longe disso, dessa lógica moral, Espinoza diz dos bons e dos maus encontros, que remetem não aos valores, mas a aumentos e diminuições da potência do agir. É nesse matiz que versa o trabalho da esquizoanálise, entender e denunciar, o que desses valores afetam a potência do agir singular.

A esquizoanálise incide na luta

pelos direitos dos emigrantes ilegais, dos trabalhadores, das mulheres, enfim, de todas as minorias dominadas, exploradas e marginalizadas. [...] Também inclui um trabalho de destituição das leis que justificam os impérios dessas entidades pautadas em valores transcendentais, eminentes, sobrecodificados ou axiomatizados e dos preconceitos que afetam as singularidades. (BAREMBLITT, 2010, p. 114).

Dizer o que vem a ser essa “Opera Magna”, como se refere Baremlitt (2010) à esquizoanálise, não é um trabalho fácil, mas arriscado. Isso pelo seu caráter difuso, complexo, multiplicatório, polissêmico e polifônico. Baremlitt (2010) comenta que a esquizoanálise parte da psicanálise e do materialismo histórico e, porém, como um rizoma, filia-se e se conecta a diversos outros campos, contextos e saberes.

As pluralidades presentes na esquizoanálise evocam a concepção de rizoma da biologia, reafirmando sua dimensão plural. O conceito de rizoma, na esquizoanálise, se caracteriza como um estrangeiro interligado. Em seu território ramificado, desterritorializando, territorializando em outros campos e, por conseguinte, em movimento de reterritorialização, a esquizoanálise em fluxo contínuo, rizomatiza o seu arcabouço teórico conceitual. Em outras palavras a rede-rizoma-esquizoanálise desconecta suas linhas e, conectando a outras linhas-raízes-saberes-contextos, novamente reconecta trazendo para si novos saberes.

Advindo do território da botânica nas palavras de Baremlitt,

o rizoma [...] não tem um centro ou um tronco a partir do qual se pode constatar que se desenvolveu; seus tubérculos estão disseminados e intrincados com suas prolongações, talos e raizinhas, seus limites externos

não são passíveis de ser circunscritos, suas células não tem membranas e seus processos metabólicos apresentam causas que se expressam em efeitos à distância sem que seja possível determinar os mecanismos e veículos de transmissão. (BAREMBLITT, 2010, p.140).

O conceito de rizoma orienta-se por meio de princípios fundamentais. São eles: o *Princípio de Conexão*, o *Princípio de Heterogeneidade*, o *Princípio de Multiplicidade*, o *Princípio de Ruptura A-Significante*, o *Princípio de Decalcomania* e o *Princípio de Cartografia*.

O *Princípio de Conexão* remete a perspectiva de que qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. O *Princípio de Heterogeneidade* remete a perspectiva do diferente, ou seja, a perspectiva de que em seus movimentos, o rizoma se conecta aos mais variados e diferentes “outros”, que podem ser fatos, elementos, signos, não signos, espaços. Os princípios de conexão e heterogeneidade possibilitam Deleuze e Guatarri (1995), recorrerem a uma cadeia semiótica, onde esta como rizoma, aglomera e conecta atos muitos diversos: linguísticos, perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos entre outros. A dimensão semiótica aqui diz respeito a tudo que pertence ao universo do signo e suas variações.

O *Princípio de Multiplicidade* remete a perspectiva das dimensões, das grandezas e das determinações do rizoma. Segundo Deleuze e Guatarri (1995), numa multiplicidade não há sujeito nem objeto. O rizoma multiplicidade, “não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 32)

Segundo Deleuze e Guatarri (1995) as multiplicidades não crescem sem que mude sua natureza. Recorrendo a ideia de agenciamento, Deleuze e Guatarri falam que

o agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões da multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. [...] Um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais. [...] Um agenciamento põe em conexão multiplicidades. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.17-34).

A dimensão da multiplicidade nos aponta as cadeias moleculares, a dimensão “dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades” (GUATARRI;

ROLNIK, 2000, p. 321). O molar, que “corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência” (GUATARRI; ROLNIK, 2000, p. 321) se dá ao contrário do molecular. Os fluxos moleculares, quando operados via agenciamento, compõe as transversalidades.

Segundo Deleuze e Parnet (1998), o molecular é travessia, é linha de fuga, que ao produzir algo real, cria vida.

Uma fuga é uma espécie de delírio. Delirar é exatamente sair dos eixos (“como pirar” etc.). Há algo de demoníaco, ou demônico, em uma linha de fuga. Os demônios distinguem-se dos deuses, porque os deuses tem atributos, propriedades e funções fixas, territórios e códigos: eles tem haver com eixos, com os limites e com os cadastros. É próprio do demônio saltar os intervalos, e de um intervalo a outro. [...] Sempre há traição numa linha de fuga. [...] Trai-se as potências fixas que querem nos reter, as potências estabelecidas da terra. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 53)

O *Princípio de Ruptura A-Significante* remete a perspectiva de que o rizoma pode ser rompido, quebrado e a qualquer momento, retomar-se. Como explicitam Deleuze e Guatarri,

todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído. [...] Compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar”. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.18).

Esse princípio de ruptura a-significante incide necessariamente sobre as linhas de segmentaridade da rede-rizoma. As linhas segmentares, ou linhas estratificadas, ou as também designadas linhas duras, estão sujeitas de sofrerem ruptura e, assim, transformarem-se em linhas flexíveis, de fuga, ou de desterritorialização. Acontece ruptura no rizoma cada vez que uma linha dura explode numa linha de fuga. (DELEUZE; GUATARRI, 1995).

Ainda sobre as rupturas, Deleuze e Guatarri ressaltam:

faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito. [...] Os grupos e os indivíduos contém microfacismos sempre a espera de cristalização. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 18).

O *Princípio de Decalcomania* remete a perspectiva de mostrar justamente o que o rizoma não é, ou seja, o não decalque. O rizoma não deve ser explicado baseado em nenhum modelo estrutural ou gerativo. “O rizoma é uma

antigenealogia”. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.20). Ele se aproxima ao que poderíamos chamar de evolução a-paralela, que em si afasta-se aos modelos de descendência arborecente.

A evolução a-paralela ocorre não somente por imitação-decalque, por esquemas de descendência baseados na lógica da árvore, mas sobretudo por transbordamentos, em que elementos heterogêneos, encadeados transversalmente, compõe o movimento um do outro.

O transbordamento é um “condensado de coexistências, um simultâneo de acontecimentos” (DELEUZE, 1998, p. 268). Ele se dá por meio de séries divergentes nômadas. Segundo Deleuze (1998), no transbordamento há uma diferença interiorizada, na qual a identidade do diferente é a potência primeira. “A identidade subsiste, mas é produzida por uma lei que complica todas as séries” (DELEUZE, 1998, p. 268). O transbordamento se dá por meios “completamente diferentes daqueles que acham em ação no modelo. É constituído por uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude”. (DELEUZE, 1998, p. 263)

Como ressaltam Deleuze e Guatarri,

existem estruturas de árvore ou de raízes no rizoma, mas inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar em rizoma. [...] Um traço intensivo começa a trabalhar por sua conta, uma perspectiva alucinatória, uma sinestesia, uma mutação perversa, um jogo de imagens se destacam e a hegemonia do significante é colocada em questão. Semióticas gestuais, mímicas, lúdicas, etc. retomam sua liberdade na criança e se liberam do “decalque”, da competência dominante da língua do mestre – um acontecimento microscópico estremece o equilíbrio do poder local. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 24).

Ainda segundo Deleuze e Guatarri,

o pensamento não é arborecente. [...] O que se chama equivocadamente de “dendritos” não assegura uma conexão dos neurônios num tecido contínuo. A descontinuidade das células, o papel dos axônios, o funcionamento das sinapses, a existência de microfendas sinápticas, o salto de cada mensagem por cima dessas fendas fazem do cérebro uma multiplicidade que, no seu plano de consistência ou em sua articulação, banha todo um sistema probabilístico incerto. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.25).

O pensamento rizomático contrapõe a dimensão binária expressada na lógica dicotômica. O pensamento rizomático ao invés de separar, aglutina, conecta e, como multiplicidade, não separa sujeito de objeto. Este pensamento se define “pelo fora:

pela linha abstrata, linha de fuga, ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras”. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 17).

No que concerne às noções de territorialização, desterritorialização e reterritorialização na esquizoanálise, para Guatarri e Rolnik,

a noção de território é entendida aqui num sentido mais amplo. [...] Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente em “casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada em si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nas quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante [de fuga]. (GUATARRI; ROLNIK, 2000, p. 323)

Num plano global é possível uma constatação, que é como o modelo da árvore dominou a realidade-território e “todo o pensamento ocidental da botânica à biologia, a anatomia, mas também a gnosiologia, a teologia, a ontologia, toda a filosofia...: o fundamento raiz” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 28). Diferente do ocidente é o oriente, que apresenta outra figura: a relação com a estepe e o jardim, vegetação rasteira, gramínea, que se difunde nas mais variadas direções.

A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. O que conta é que a árvore-raiz e o rizoma canal não se opõem como dois modelos: um age como modelo e como decalque transcendente, mesmo que engendre suas próprias fugas; o outro age como processo imanente que reverte o modelo e esboça um mapa, mesmo que constitua suas próprias hierarquias, e inclusive suscite um canal despótico. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 31-36).

O *Princípio de Cartografia* remete a perspectiva do mapa. O rizoma é tal qual o mapa. “O mapa é aberto, é conectável, em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.22). Esta é talvez uma das características que apontam para as múltiplas entradas existentes num rizoma.

A cartografia na esquizoanálise é apresentada como método de estudo que possibilita, por meios das diferenças, mapear territórios e realidades. O termo cartografia é proveniente de especialidades da geografia e foi registrado pela primeira vez em 1839 por Visconde de Santerém, importante nome da historiografia portuguesa, numa carta endereçada ao historiador brasileiro Francisco Adolfo Vernhagem.

De acordo com o Atlas Geográfico Escolar do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística- IBGE, o termo é definido como

conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas baseados no resultados de observações diretas ou análise de documentação, com vistas a elaboração de cartas, projetos e outras formas de expressão, assim como sua utilização”. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA, 2011).

Como método, a cartografia se objeta às propriedades quantitativas, que segundo Kirst, nas palavras de Gomes (2010), designa o terreno de forma estática e extensa, e aproxima-se de uma noção de cunho dinâmico que procura capturar intensidades.

Sendo assim, o caráter instituinte da cartografia se vincula à explicitação de sensações, percepções, afetos, aquilo que faz com que o sujeito se sinta afetado pelo seu objeto de estudo, pela leitura, pela prática profissional ou pelo amor. (GOMES, 2010, p. 18).

Sobre os objetivos e sua extensão ao campo das ciências humanas, o método cartográfico, enquanto possibilidade de pesquisa e análise, busca “arrancar o *percepto* das percepções, do objeto e dos estados de um sujeito percipiente. Bem como o *afeto* das afecções, passagem de um afeto ao outro”. (KIRST apud GOMES, 2010, p. 19).

Ainda segundo Gomes:

para se aproximar desse objetivo, o cartógrafo procura afirmar-se através do encontro com o objeto e não no distanciamento dele, trabalhando conceitos e ideias como letra; registro; vibrações históricas e socioculturais da subjetividade. (GOMES, 2010, p. 19).

Recorrendo a Romagnoli (2009) e a seus estudos sobre o método cartográfico, esta diz que a cartografia vem sendo utilizada em pesquisas de campo

para o estudo da subjetividade, e se apresentado como ferramenta de investigação, precisamente para abarcar a complexidade: “zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas” (ROMAGNOLI, 2009, p. 169).

Distante de estabelecer alguma cisão ou mesmo dicotomia, a cartografia, mais do que procedimentos metodológicos delimitados, “indaga o objeto de estudo a partir de uma fundamentação própria, afirmando uma diferença, em uma tentativa de reencontrar o conhecimento diante da complexidade” (ROMAGNOLI, 2009, p.169)

A cartografia afasta-se ao paradigma moderno fundamentado em cisões e dicotomias e “traz um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico, e favorecendo a revisão de concepções hegemônicas e dicotômicas”. (ROGMANOLI, 2009, p.169).

Nessa proposta que é transdisciplinar,

o papel do pesquisador é central, uma vez que a produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo, seu estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele. [...] A cartografia parte ainda de outra leitura da realidade, pois não quer só buscar o qualitativo, mas também romper com a separação sujeito e objeto. [...] Essa vertente, convoca a imanência, a exterioridade das forças que atuam na realidade, buscando conexões, abrindo-se para o que afeta a subjetividade. (ROMAGNOLI, 2009, p. 170)

Ainda segundo Romagnoli,

nesse contexto, cada pesquisador e cada objeto de estudo habitam um “meio”, circulam em formas de se relacionar, constituindo um território que envolve marcas, estratos, conexões, relações. São as circunstâncias, os elementos que se estabelecem entre os encontros que podem ou não trazer outras marcas, romper com sentidos conhecidos e fundar outros impensáveis. Logo, são essas relações que devem ser mapeadas no método cartográfico, para se conhecer a realidade em sua complexidade. [...] Cartografar é mergulharmos nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer, permitindo ao pesquisador também se inserir na pesquisa e comprometer-se com o objeto pesquisado, para fazer um traçado singular do que se propõe a estudar. (ROMAGNOLI, 2009, p.171)

Sendo assim, no tecer de fios, por meio de conexões, desconexões e novas conexões, diferentes elementos, signos e espaços, o método cartográfico permite o

compor da rede, do território e da realidade ramificada enquanto rizoma. Esse modo complexo de lidar com a realidade, sobretudo a partir da esquizoanálise, sustenta-se na invenção e na implicação do pesquisador, que ao cartografar, religa a pesquisa com a vida. (ROMAGNOLI, 2009).

Deste modo, atravessado pelos princípios acima mencionados, temos o agenciamento do rizoma-rede, feito não por posições que remetem às estruturas, mas por linhas, somente linhas, que podem ser segmentadas, estratificadas, significadas, mas também por linhas de fuga, linhas desterritorializantes, flexíveis, encontradas no plano da dimensão, das grandezas, e sob a qual ele é multiplicidade.

Enquanto rizoma pode-se pensar também a subjetividade. A subjetividade no campo da esquizoanálise é pensada sob a perspectiva da rede, que com suas linhas: duras e de fuga, está conectada, ou melhor, agenciada a tudo que nos rodeia. Essa concepção contrapõe a ideia clássica de indivíduo que o nome já diz, não dividido, e perpassando a noção de sujeito, repousa sobre o que podemos designar como *agenciamento coletivo de enunciação*. Sobre o agenciamento coletivo Guattari e Rolnik afirmam: “o agenciamento coletivo não corresponde nem a entidade individuada nem a uma entidade social pré-determinada” (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 31).

Nessa passagem, podemos dizer que a subjetividade encontra-se em circulação nos conjuntos sociais, “ela é o resultado do entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies” (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 34)

Segundo Guattari e Rolnik (2010) a subjetividade é essencialmente fabricada, modelada e produzida por uma multiplicidade de agenciamentos sociais.

Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egoícas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal, (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, de modos de memorização, de produção ideica, sistemas de inibição, e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc). (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 31).

Em outras palavras, a subjetividade é produto de uma multiplicidade de agenciamentos de enunciação que, por sua vez, não se centram sobre indivíduo ou grupos, mas no entrecruzamento, do que Guatarri e Rolnik (2000) chamam de processos duplamente descentrados. Ou seja, processos que implicam máquinas de expressão que podem ser de natureza extrapessoal tanto quanto de natureza infrapessoal.

Ao trabalhar a questão da subjetividade, somos levados a fazer uma distinção no que diz respeito a essa compreensão. Na esquizoanálise o que chamamos de ideologia, é a subjetivação, ou produção de subjetividade, que permite-nos compreender a dimensão ideológica como produtora de subjetividades-sujeitos.

Ao discutir a subjetividade sob a perspectiva dos agenciamentos coletivos de enunciação e a ideologia como produtora de subjetividade-sujeitos, nos aproximamos de Bakhtin, que ao ampliar a discussão, traz elementos consistentes no entendimento da dimensão sócio-semiótica da subjetividade enquanto enunciação. Antes de tudo, dimensão semiótica aqui, diz respeito a tudo que pertence ao universo do signo e suas variações. Inclui toda e qualquer dimensão simbólica: dimensão da palavra, dimensão significante, dimensão da fala, dimensão da enunciação, dimensão semântica, dimensão da linguagem, dimensão cultural, todas essas, que por sua vez, são dimensões ideológicas e de natureza social. “A ideologia é um reflexo das estruturas sociais” (BAKHTIN, 2010, p. 15)

Como afirma Bakhtin,

tudo que é ideológico, possui um valor semiótico. [...] Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. (BAKHTIN, 2010, p.33)

A enunciação é compreendida por Bakhtin como uma réplica do diálogo social, “é a unidade base da língua. [...] Ela é de natureza social, portanto ideológica”. (BAKHTIN, 2010, p.16). Nessa direção ele afirma: “Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais” (BAKHTIN, 2010, p.16). Explica Bakhtin:

se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a atividade mental, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia. Contudo, todas estas relações são inter-relações recíprocas, orientadas, é verdade, mas sem excluir uma contração. (BAKHTIN, 2010, p. 16)

Ainda de acordo com Bakhtin,

os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência do seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido dos sentidos que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, 2010, p. 36)

A partir de Bakhtin (2010) é possível compreender que existem diferenças profundas nas dimensões semiótico-ideológicas, pois os variados sistemas semióticos, refratam e refletem realidades completamente diferentes, como as realidades "do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira." (BAKHTIN, 2010, p. 33)

Sendo assim, o mecanismo subjetivo de compreensão, a partir da perspectiva bakhtiniana (2010), é na cadeia ideológica seja ela qual for, aproximar um signo do outro, é fazer conexões entre fatos, elementos e espaços, que por sua vez, podem estar contidos em signos. As conexões costumam e podem ser as mais diversas, nenhuma legitima o que realmente é o real. Porque o que passa a ser no signo, só é sobre pontos de vista. O real, o que existe de fato tal qual se apresenta e é universal, existe por detrás, está fora do signo, e não o nomeamos, apenas sentimos. O real se apresenta em dimensões, intensidades e vibra em movimentos e em fluxos moleculares. Ele é multiplicidades. "E essa cadeia de criatividade e compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua". (BAKHTIN, 2010. p. 34)

Já no que Guatarri e Rolnik (2000) se referem como máquinas de expressão, evidencia precisamente a dimensão econômica e industrial da subjetividade que, como foi demonstrado acima, é fabricada, modelada e inclusive pode ser consumida.

As máquinas de produção da subjetividade [signos-ideológicos] variam. Em seus sistemas tradicionais, por exemplo, a subjetividade é fabricada por

máquinas mais territorializadas, na escala de uma etnia, uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional (GUATARRI; ROLNIK, 2000, p. 25)

No que se refere ao sistema capitalístico, Guatarri e Rolnik (2000) falam que este sistema já dominou todos os modos de subjetivação. Eles argumentam que não há contraposição entre às relações de produção econômica e às relações de produção subjetiva. Ao mesmo tempo que se produz um trabalho material se produz um trabalho semiótico. No entanto, ressaltam que

essa produção de competência no domínio semiótico depende de sua confecção pelo campo social como um todo: é evidente que para fabricar um operário especializado não há apenas a intervenção das escolas profissionais. Há tudo o que passou antes, na escola primária, na vida doméstica – enfim, há toda uma espécie de aprendizado que consiste em ele se deslocar na cidade desde a infância, ver televisão, enfim, estar em todo um ambiente maquínico. (GUATARRI; ROLNIK, 2000, p. 27)

Ainda sobre esse entrecruzamento das relações de produção econômica e das relações de produção subjetiva, Guatarri e Rolnik afirmam: “a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção”. (GUATARRI; ROLNIK, 2000, p. 28). E prosseguem: “a produção de subjetividade encontra-se, e com peso cada vez maior, no seio daquilo que Marx chama de infraestrutura produtiva” (GUATARRI; ROLNIK, p. 28). Ou seja, nas forças produtivas, nas relações de produção social. Esse aspecto de infraestrutura produtiva nos leva à dimensão micropolítica, que corresponde aos diferentes modos de produção social, e que não situa-se em termos da representação, mas, como referido, situa-se no âmbito da produção de subjetividade.

Assim, nessa perspectiva, a subjetividade é compreendida enquanto um processo. Processo que, segundo Guattari e Rolnik (2000), apresenta-se num encadeamento contínuo de fatos e de operações que podem levar a outras sequências de fatos e operações. O processo “implica a ideia de ruptura permanente dos equilíbrios estabelecidos”. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 321).

O processo de subjetivação, inacabado e com seus atravessamentos, transversalidades, está sempre num vir a ser. É algo em constante afetação, que é produzido e se produz mutuamente.

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística [signos-ideológicos-capitalistas] - tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificação com polos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e de instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 27)

A esse aspecto da subjetivação produzido pelo sistema capitalista, Guattari e Rolnik (2000) chamam de Ordem Capitalística. A subjetivação capitalística é assumida em escala global, internacional e “lançada na realidade do mundo e na realidade psíquica. Incide nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentido, de sentimento, de afeto” (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 42).

A ordem capitalística produz os modos [signos] de relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos de como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com os movimentos do corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é a ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria ideia de vida social organizada”. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p.42).

É nesse sentido que a noção de subjetividade na esquizoanálise contrapõe a noção de indivíduo, pois se compreende que a subjetividade não é passível de totalização ou centralização no indivíduo, ela é um processo transindividual e transcultural.

É claro que sempre se reencontra o corpo do indivíduo nesses diferentes componentes de subjetivação; sempre se reencontra o nome próprio do indivíduo; sempre há a pretensão de um ego de se firmar numa continuidade e num poder. Mas a produção de fala, das imagens, da sensibilidade, a produção do desejo, não se coloca absolutamente a essa representação do indivíduo. Essa produção é adjacente a uma multiplicidade de agenciamentos sociais, a uma multiplicidade de processos de produção maquínica, a mutação de universos de valor e de universos históricos. (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 32)

O indivíduo existe enquanto terminal, terminal que se encontra na posição de consumidor de subjetividade. Ele consome sistemas de representação (sínico-

semióticos), de sensibilidade, sistemas de produção de desejo, sistemas que não tem nada a ver com categorias naturais universais. (GUATARRI; ROLNIK, 2000)

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete a subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de opressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes de subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização". (GUATARRI; ROLNIK, 2000, p.33)

É nesse enigmático e imbricado processo que se definem as relações de produção subjetiva. Somos esse circunspecto de linhas, das quais muitas são duras, outras flexíveis, algumas conscientes e outras das quais nem sequer temos conhecimento. Historicamente somos atravessados e transversalizados por uma multiplicidade de agenciamentos sociais, que se depreendem numa pluralidade de elementos semióticos heterogêneos.

Somos esse misterioso universo de signos, palavras, enunciados, que conectam, agenciam uma multiplicidade de sistemas, que vão da célula ao fonema, do corpo aos grandes sistemas de produção semiótica. A maneira pela qual percebemos o mundo é determinada pelo arranjo de todos esses sistemas apreendidos em seus signos, que dão forma, subjetivam as semânticas do eu e dão voz as subjetividades. O enigmático do signo é que ele não se separa, está no entre, sujeito e objeto e sendo o dois ao mesmo tempo. A subjetividade é esse entre, que é os dois ao mesmo tempo: corpo-natural- biológico-filogenético e realidade social-histórico-semiótica.

É nesse caminho, na perspectiva das transversalidades, dos atravessamentos, dos diferentes elementos, signos e espaços que agenciam a realidade e a subjetividade em seus encadeamentos no tempo, que chegamos à cartografia do distrito de Mucuri.

3. CARTOGRAFIAS DE MUCURI

Mucuri é um pequeno vilarejo, situado às margens do rio Mucuri e da BR 116. A história deste distrito e o seu povoamento está intimamente ligada às questões de exploração, mais especificamente à exploração do Vale do Mucuri localizado no Nordeste de Minas Gerais. O Vale do Mucuri compreende uma área de aproximadamente 23.220,6km² e recebeu esse nome devido ao fato de percorrer o rio Mucuri que possui nascente na cidade Ladainha, nordeste mineiro, e deságua no Oceano Atlântico na cidade de Mucuri, Estado da Bahia. O distrito de Mucuri, cujo nome é de origem indígena, antes chamado Ponte das Pedras, recebeu esse nome em homenagem ao rio.

Nas imagens abaixo temos o distrito de Mucuri (map. 1) entre às margens do rio Mucuri e da rodovia, assim como o referida BR (fot. 1) e o rio em questão (fot. 2)

Mapa 01 – Distrito de Mucuri



Fonte: Criado pelo autor através do software Google Earth

Fotografia 01 – BR 116

Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 02 – Rio Mucuri

Fonte: Arquivo pessoal

O distrito de Mucuri não tem uma história oficializada, não se sabe precisar quem foram seus primeiros moradores e qual foi exatamente sua origem. Sabe-se apenas que há não muito tempo, aproximadamente uns 70 anos, existia algumas poucas casinhas afastadas e uma pequena Igreja. Estas ficavam próximas a um grande pé de jaca à beira da estrada. Ponto de encontro, esse pé de jaca funcionava como um pequeno centro, onde os moradores e viajantes ali se encontravam para conversar, contar histórias e realizar atividades de comércio. Segundo contam, próximo ali, havia um autofalante que além de tocar a “Hora da Ave Maria” veiculava àquele povo notícias de outros lugares.

Como mencionei, os elementos históricos, sociais e culturais desse distrito estão embutidos às questões de exploração do Vale do Mucuri e é em função dessas questões que julgo necessário fazer um aporte à história do vale para narrar à história de Mucuri.

3.1. Do Brasil ao Vale do Mucuri e do vale ao distrito de Mucuri

A região que hoje compreende o distrito de Mucuri, assim como as regiões próximas, há pouco tempo não passava de uma rica e densa floresta tropical intocada pelo homem civilizado. Essa região era habitada apenas por comunidades nativas, os chamados botocudos.

Foi somente em 1808, com a abertura dos portos brasileiros, que se inaugurou a possibilidade para viajantes europeus de diversas nacionalidades a percorrer áreas e territórios até então pouco conhecidos. Segundo Duarte (2002)

esses territórios eram rigorosamente fechados a quem quisesse percorrê-los e estudá-los.

Com a abertura dos portos

os viajantes passaram a visitar cidades e vilas, fazendas e áreas rurais, mas também chegavam a lugares ainda sem ocupação: matas até então intocadas pela civilização, rios de curso não delimitado, grandes extensões ainda não mapeadas. Uma dessas regiões foi o vale do rio Mucuri, situado no nordeste da província de Minas, coberto por matas tropicais, alvo da cobiça dos fazendeiros e exploradores das áreas circunvizinhas, enigma natural e etnográfico para vários viajantes que — nas tentativas de decifrá-lo — percorreram ousadamente suas trilhas precárias (DUARTE, 2002, p. 268).

A partir de 1808, estendendo-se para o segundo reinado, tido como sinal de grande progresso cultural, crescimento e consolidação do Brasil como país independente, “estabeleceu-se uma política de inserção dos espaços que ainda estavam sendo ocupados e desbravados, no interior do Brasil” (OLIVEIRA, 2009, p.10). A partir dessa política, essas regiões que até então eram habitadas por comunidades nativas, passaram a receber novos outros personagens: estrangeiros, desbravadores, colonizadores, figuras que marcaram, mudaram e, impactando essas regiões, fizeram com que surgissem novos cenários no interior do território brasileiro.

É o caso do Vale do Mucuri, região a qual principalmente a partir da segunda metade do século XIX, teve o contato permanente entre o colonizador e a população nativa. Contato esse que, a princípio, não se deu de forma amistosa, e sim o contrário se verificou: uma relação caracterizada por conflitos, guerras, massacres, extermínios, submissão e violência.

Estabelecida essa política e diante desse quadro conflituoso, o Estado brasileiro em parceria com a Igreja Católica, utilizou “o missionarismo como umas das estratégias que possibilitariam a presença colonizadora do homem branco e a contemporização dos confrontos entre estes e os indígenas” (OLIVEIRA, 2009, p.10).

Foi assim que a população “civilizada” principiou por adentrar nos territórios dos nativos: o Estado interessado na ocupação das terras e a Igreja em difundir seus valores sacramentais. Segundo Oliveira esse modelo adotado,

empreendeu um poderoso instrumento de erradicação das populações nativas, observado em processo paulatino, que se pautou por duas vias. Por um lado, houve a sacralização dos valores tidos como civilizados – por serem cristãos – e a identificação malévolos dos valores e costumes dos nativos aldeados. A introdução dos novos símbolos e rituais do “universo civilizado” se apresentava não somente como novos, mas sim como superiores àqueles conhecidos e praticados entre os nativos. [...] Por outro lado, os aldeamentos brasileiros tornaram-se um meio eficiente para descaracterizar o fenótipo dos nativos, ou seja, eliminar o elemento étnico. (OLIVEIRA, 2009, p. 11 -12)

Na imagem abaixo é possível visualizar o contato missionário com os indígenas na missão cristã:

Fotografia 03 – A missão cristã no Mucuri



Fonte: OLIVEIRA, 2009, p. 22

O modelo de aldeamento tornou-se uma ferramenta de descaracterização da cultura nativa, que através de suas práticas incentivavam a miscigenação entre povos, os nativos ditos não civilizados e os brancos ditos civilizados, tornando mais fácil assim, a submissão aos valores “civilizados”. Segundo o artista Schirmer (1860) *in: As Gerais Distantes das Minas: Fragmentos da história do Vale do Mucuri*, o modelo de aldeamento aqui apresentado através do aldeamento Filadélfia pode ser visualizado conforme apresentado abaixo:

Quadro 01 – A Filadélfia de 1860



Fonte: SCHIRMER, 1860, p.62

Em muitos casos, como menciona Oliveira,

os aldeamentos tornaram-se reduto de atração à mão-de-obra de brasileiros pobres que, em busca principalmente de doações de terras para cultivo, acabara, por incentivo dos aldeadores, estabelecendo relações conjugais com os nativos “pacificados”, gerando assim os filhos mestiços que seriam mais facilmente inseridos à sociedade civilizada brasileira (OLIVEIRA, 2009, p. 12).

Os nativos Botocudos, que viviam de subsistência e economia apoiada exclusivamente na caça e na coleta de frutos e raízes, não tiveram a sua cultura reconhecida. Suas crenças, características e hábitos foram desprezados pelo homem branco “civilizado” em atos de extrema violência física e simbólica, esta última talvez a pior de todas.

Como evidencia Oliveira, “a violência do trabalho missionário é inerente à ação de persuadir com signos da civilização ocidental uma população adaptada às selvas, com costumes práticos e de interesses muito divergentes dos ocidentais”. (OLIVEIRA, 2009, p. 10).

A todo custo, por décadas, na tentativa de ocupação e difusão de uma nova cultura “civilizada”, que se pautava no dito crescimento e progresso cultural, os exploradores buscaram desbravar as riquezas do Mucuri, porém, sem conseguir percorrer todo o seu território, primeiro por sua grande extensão e seu caráter ínvio,

sem estradas, vilas e fazendas, além da grande resistência das comunidades nativas. Neste contexto, a Fazenda Itamunhec pertencente à família Ottoni, uma das mais ricas fazendas da região, é tida como expressão da civilização resultante da colonização no Vale do Mucuri.

Recorrendo novamente a Schirmer é possível visualizar tal fazenda.

¹Quadro 02 – Fazenda Itamunhec



Fonte: SCHIRMER, 2009, p. 65

Em 1847, é fundada por Teófilo Otoni, um jornalista, comerciante e político brasileiro, com o apoio dos fazendeiros, a Companhia de Navegação e Comércio do Mucuri que tinha como objetivo ligar o centro-oeste da província de Minas Gerais ao litoral. Segundo Duarte (2002) essa empreitada devia ser viabilizada por meio da navegação do rio Mucuri e da construção de estradas nos trechos menos acessíveis à navegação. Ainda segundo Duarte essa Companhia dirigida por Teófilo Otoni mudou a paisagem da região.

Aproximando-se das populações indígenas de forma não-violenta, Otoni conseguiu penetrar nos territórios habitados pelos temidos botocudos, obteve deles a permissão para empreender a construção das estradas, a criação de fazendas e mesmo a fundação da freguesia de Filadélfia, atual cidade de Teófilo Otoni. O misterioso rio passou a ser percorrido pelo vapor Peruípe, e seu ruído somou-se às sonoridades da mata densa e repleta de vida. Seu curso foi mapeado por engenheiros contratados para tal, sua profundidade foi avaliada. Na floresta, os conquistadores passaram a buscar madeira para construções, lenha para as casas, desflorestando e realizando queimadas em largas áreas para plantio agrícola ou pastagem dos animais de carga e transporte. Além dos índios, passou a percorrer a

¹ Os quadros 01 e 02 acima apresentados são das obras do intelectual e artista europeu Alberto Schirmer, que abandonou sua vida na Europa para viver nos sertões e matas mineiras no século XIX.

região uma gama de novos personagens: soldados, negros escravos, populações livres e marginalizadas da sociedade imperial, naturalistas, engenheiros, fazendeiros, padres capuchinhos contratados pelo governo, diretores de índios, autoridades policiais e imigrantes de partes variadas do mundo (chineses, madeirenses, franceses, suíços, austríacos, belgas, holandeses, prussianos) (DUARTE, 2002, p.269).

Nesse cenário, atravessado por essa diversidade de elementos, marcado por enorme variedade de signos culturais, têm-se início as primeiras vozes que vão compor a polifonia do distrito de Mucuri. Às margens do rio e da rodovia, na altura do Km 246, o povoado de Mucuri, marcado essencialmente pela pluralidade, povos indígenas, negros, caboclos, pobres marginalizados e viajantes é hoje, distrito da cidade de Teófilo Otoni, antigo aldeamento da freguesia de Filadélfia.

Localizado a 32 km da cidade de Teófilo Otoni, Mucuri tem uma população com aproximadamente 7 mil habitantes, incluindo a parte considerada Zona Rural, ou as também chamadas “grotas”, adentrações a floresta, que permitem o brotar da vida dos mais variados e imagináveis lugares. São elas, as comunidades do Rio Pretinho, Degredo, Inveja, Surucucu, Beija Flor, Cristal, Colônia, Crisólita, Lajinha, Bonfim, Córrego Grande, Córrego Sumidor, Muntunzinho, Muntunção, Cana Braba, Serra do Honório, Barra Nova e Pedra D´água.

Geograficamente Mucuri é dividido em rua de cima e rua de baixo, espaços que se depreendem em microrregiões, conhecidas como: Rabo da Gata, Campo, Beco dos “Corno”, Bueira, Chapadinha, Mina, Morro da Igreja, Curtume, DNER, Mucaia, Rua (praça), Buraco Doce e o Engana Bode, que hoje é pouco falado. Na imagem abaixo é possível visualizar no plano horizontal, a BR fazendo a divisão entre as duas ruas-espacos.

Fotografia 04 – Mucuri dividido pela BR 116



Fonte: Arquivo pessoal

No distrito de Mucuri existe a Escola Estadual de Mucuri com Ensino Fundamental e Médio. A escola, criada no ano de 1965, pelo decreto 8799, não tinha uma sede oficial até o ano de 1993. A escola antes funcionava em construções e casas cedidas pelos moradores e só na década de noventa foi criada e oficializada pelo Governador Hélio Garcia e o secretário de Educação Walfrido Silvino dos Mares Guia Neto, a sede atual que recebe aproximadamente 750 alunos. Além da escola estadual tem uma escola Municipal com ensino Pré-Infantil e algumas outras distribuídas pelas comunidades rurais.

A Escola Estadual de Mucuri pode ser conhecida pela fotografia abaixo apresentada.

Fotografia 05 – Escola Estadual de Mucuri



Fonte: Foto de Samuel Calixto, 2011

As condições econômicas, produtivas e culturais de Mucuri não exigem das pessoas uma demanda de formação técnico-profissional altamente exigente como ocorre nos grandes centros comerciais das grandes capitais. O conhecimento técnico dos meios de produção, em sua grande maioria, é passado através das gerações de maneira informal.

Em Mucuri as pessoas vivem da agricultura de subsistência, uma pequena pecuária de corte e leite, prestação de serviços em função da rodovia, dos postos de combustíveis, oficinas mecânicas, do comércio composto de pequenos varejistas e também de aposentadoria, Bolsa Família, prostituição e do tráfico de drogas.

Na imagem que segue é possível observar parte do comércio de Mucuri.

Fotografia 06 – Região comercial de Mucuri



Fonte: Arquivo pessoal

O abastecimento de água em Mucuri

é operado pela COPASA desde maio de 1983. Utiliza captação subterrânea, em poço profundo. O sistema produz em média 313 mil litros de água por dia. Hoje atende em Mucuri uma população de aproximadamente 2 mil habitantes. (COMPANHIA DE SANEAMENTO DE MINAS GERAIS, 2009).

Economicamente pobre Mucuri sempre teve uma característica rústica, de pequeno vilarejo de interior, onde as pessoas costumam viver suas vidas de modo muito simples, sem grandes preocupações com as carreiras profissionais ou alguma outra espécie de formação técnica.

É um lugar onde as pessoas conhecem umas as outras, frequentam e compartilham os mesmos espaços, onde há conversa rápida e que dá muito que falar nas fofocas de calçadas. A comunidade mucuriense chama à atenção daqueles que a conhecem e faz quem é de fora sentir-se dentro. É um povo acolhedor, recheado de simplicidade que se observa no estilo de vida: moradores, casas, ruas, economia e cultura. Esse estilo pode ser observado nas imagens abaixo:

Fotografia 07 – Casinha rústica de Mucuri



Fonte: Arquivo Pessoal

Fotografia 08 – Morador na porta de casa



Fonte: Arquivo pessoal

Dialogando com estas imagens, temos o depoimento retirado da comunidade Orkut Mucuri – Signos de uma História, vejamos:

lugar onde vive-se em paz, cheio de tranquilidade, movido a uma paixão avassaladora que é o futebol, quase um projeto de vida, tem tudo para ser um exportador de talentos nas artes, na música, na dança. [...] É um lugar abençoado por Deus tanto [quanto] pelo seu povo, sua cultura, sua arte e também pelas inúmeras cachoeiras e rios que fazem parte desta localidade. [...] Povo que sabe distribuir sorrisos, multiplicar oportunidades, acolher diferentes classes sociais, dividir suas riquezas e esperanças no amanhã. (CELESTINO, 2012)

Podemos entender a partir de Celestino (2012) que o distrito de Mucuri é um ambiente sossegado onde serenamente a vida corre, porém que se agita nos dias de festa e atrai de outros lugares novos rostos, novos personagens que Mucuri chama à atenção. Mucuri é um espaço diferente dos comuns, principalmente dos

grandes centros urbanos. O ar é diferente, a temperatura é diferente, o relógio gira diferente, é como dizem muitos moradores, é quase sempre a mesma coisa. O comércio é aberto nos horários de sempre, as mesmas pessoas, a rotina aparentemente a mesma, os mesmos movimentos.

Em Mucuri, existe também uma grande variedade de expressões religiosas, que são notadas na abundante quantidade de instituições religiosas. No distrito de Mucuri existe a Igreja Católica, as Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus – Ministério de Vitória, a Assembleia de Deus - Ministério de Minas, a Primeira Igreja Batista Filadélfia de Mucuri, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Igreja Maranata, a Igreja Presbiteriana Renovada, o Salão do Reino das Testemunhas de Jeová e além destas, um Centro Umbanda que hoje não existe mais.

A religiosidade do povo de Mucuri pode ser vista com maior expressividade na Semana Santa, como mostra as imagens abaixo na procissão de Domingo de Ramos, tradição que abre a semana e celebra a entrada de Jesus em Jerusalém.

Fotografia 09 – Procissão de Domingo de Ramos



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 10 – Procissão de Domingo de Ramos II



Fonte: Arquivo pessoal

Conversando com as imagens acima, temos o trecho de um dos cantos retirado do folheto “Cantos para a Procissão”, da Paróquia São Sebastião e cantado na procissão.

O povo de Deus no deserto andava, mas a sua frente alguém caminhava. O povo de Deus era rico de nada, só tinha esperança e o pó da estrada. Também sou teu povo, Senhor, estou nesta estrada, somente a tua graça me basta e mais nada.

O povo de Deus também vacilava, e às vezes custava a crer no amor. O povo de Deus, chorando rezava, pedia perdão e recomeçava. Também sou teu povo, Senhor, estou nesta estrada, perdoa, se às vezes, não creio em mais nada.

O povo de Deus também teve fome, e tu lhe mandaste o pão lá do céu. O povo de Deus, cantando deu graças provou teu amor, amor que não passa. Também sou teu povo, Senhor, estou nesta estrada. Tu és o alimento na longa jornada.

O povo de Deus, ao longe avistou a terra querida que o amor preparou. O povo de Deus corria e cantava, e nos seus louvores seu poder proclamava. Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada. Cada dia mais perto da terra esperada. (PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO, 2012).

Segundo contam alguns moradores mais antigos, a Quaresma, período que antecede a Semana Santa, assustava muito as pessoas, principalmente as que moravam na roça. Contam que nesse período tinham medo de sair no quintal, não falavam palavrões, não comiam carne, tinham medo da mula-sem-cabeça, do lobisomem e do bicho-de-pedra-azul. Ainda sobre o período da Quaresma, dizem que histórias corriam e semeavam o medo entre as crianças, os antigos e alguns adultos. As crianças não podiam ficar nas ruas à noite, e se ficassem, corriam o risco de serem pegas pelas criaturas. Criaturas horripilantes que eram soltas e a perambular pelas ruas à noite assombravam o povoado. Os cachorros tinham de ser carimbados para não endoidarem na Quaresma. Hoje, diferente do tempo de antes, essas histórias não mais são contadas no Mucuri, desapareceram. Existem somente no imaginário dos antigos e no que restou do medo na cabeça de alguns.

Em Mucuri não existem os aparelhos tecnológicos como os celulares, mas as pessoas se encontram facilmente quando desejam. Os que buscam mudanças, seja pessoal, profissional e/ou social são chamados a ir além, desbravar territórios, dar saltos, absorver outros mundos, e em meio a outras imposições da vida, movimentos de persistência, desejos, amor e lágrimas constroem novas formas de ser Mucuri.

Em Mucuri existem também os enigmas naturais, as cachoeiras, os campos, rios e florestas. Nas imagens abaixo podemos conhecer um pouco dessa exuberância natural.

Fotografia 11 – Cachoeira de Mucuri



Fonte: Foto de Neidiane Ferreira, 2005.

Fotografia 12 – A queda d'água



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 13 – O verde das árvores



Fonte: Arquivo pessoal

Mucuri, quem conhece gosta. A água parece ser doce e como diz Celestino: “viver em Mucuri é realmente estar em Paz, num colo aconchegante de uma mãe acolhedora. Viver dias tranquilos e de muita harmonia recebendo o carinho e o afeto de pessoas do bem e que nos fazem felizes”. (CELESTINO, 2012).

Assim, o distrito de Mucuri, em seu estilo rústico, em suas marcas históricas e em sua pluralidade, é um espaço que envolve e suplanta enigmas. Enigmas naturais, pessoais, sociais, históricos e culturais que, no bojo de seus entrelaces, compõe a polifonia do Mucuri, as vozes do Mucuri.

3.2. As vozes do Mucuri

Em Mucuri existe um morador antigo, senhor de 83 anos e natural do município de Araçuaí. No ano de 1964, junto com sua família, este senhor deixa a cidade de Araçuaí e vai morar em Mucuri com a perspectiva de trabalhar nas obras do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens - DNER, mais especificamente no asfaltamento da estrada que se tornou a atual BR 116. Este mesmo senhor, até o momento de aposentar, trabalhou por longo tempo como motorista na companhia do DNER.

Sobre o trabalho de asfaltamento, ele conta que as obras na estrada construída na década de 1940, começaram no ano de 1961.

Em sessenta e um começou as esplanadas. Era mais estreita, aí teve algum lugar que teve alagamento, outros lugar teve alguns trechinho que foi preciso fazer variantes, mudou o roteiro da estrada. E aí, eu nesse tempo quando eu vim, eu era motorista e trabalhava no laboratório de asfalto e de solo. (Morador antigo, 83 anos)²

Ele conta que na época em que foi morar em Mucuri, não havia muita diferença em relação ao que é hoje o Mucuri. A diferença era pouca, existiam as casas do DNER, construídas entre os anos de 1962 a 1963 e a população era praticamente a mesma. Sobre isso comenta que muitos haviam ido embora e ao seus olhos: “a população acabou no fim sendo a mesma, não aumentou muito não porque nesse período saiu muita gente daqui, uns pra São Paulo, outros pra outros lugar”. (Morador antigo 83 anos). Todavia, fala que houve melhorias, poucas, mas que aconteceram. Sobre as melhorias comenta que “naquele tempo não tinha Posto de Saúde, num tinha Correio, num tinha água da COPASA, num tinha energia”. (Morador antigo, 83 anos). Antes da energia elétrica em Mucuri, tinham apenas os lampiões e as fogueiras, comenta que tudo “funcionava a base do lampião”.

Sobre a história de Mucuri este senhor diz não saber muito. Fala que não teve

muito aprofundamento nessa história das primeiras pessoas do Mucuri. Eu sei que antes de nós vim praqui, aqui era chamado Ponte de Pedra, tinha uma ponte alí assim onde é que, do lado daquela alí assim. [Se refere à ponte atual]. E lá no curtume tem um lugar que até hoje o pessoal, quando o rio tá baixo ês passa em cima das pedras, travessa de um lado pro outro. (Morador antigo, 83 anos)

² Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

Sobre o antigo pé de jaca em Mucuri, diz que era o lugar da feira. Nessa época, porém a contra gosto de muitos, a árvore teve que ser derrubada em função das obras de asfaltamento. Segundo contam outros moradores, esse pé de jaca era muito querido e significativo para a comunidade do Mucuri, tanto é, que quando foi cortado, muitos dos moradores guardaram seus pedaços como símbolo de recordação.

Mucuri pra este senhor é o lugar que se tornou ideal. A princípio conta que não tinha a intenção de ficar, porém as coisas deram certo, ele fez amizades e foi abençoado por Deus. Sobre o viver em Mucuri ele diz:

pra mim é viver bem, é um lugar que eu, por exemplo, sou um camarada feliz aqui. [...]Quer dizer, é um lugar que eu me fiz assim, um ambiente tão bom que eu nunca passei aperto por nada, mesmo quando eu não tinha as condições que eu tenho hoje. Então Mucuri pra mim é um lugar abençoado. (Morador antigo, 83 anos)

Em Mucuri existe também uma lavadeira, senhora de 70 anos. Natural do distrito, nascida no Córrego Grande, comenta que foi criada na roça e que começou a trabalhar quando tinha 10 anos. Sobre seu trabalho na roça conta:

eu trabaiava, torrava farinha, café, final de semana torrava meia cocha de café, pisava no pilão, aí depois, eu fui crescendo, tinha 10 anos, pai morre eu era nova e comecei a trabaiá. Aí eu mais mãe começou a torrar farinha pros-outr. Quando eu casei, eu tav com minha mão tudo cortad de ralo. Nós ralava três carga de mandioca por dia. Eu sabia cevá a mandioca na roda. (Lavadeira, 70 anos)³

Aos 17 anos, esta senhora deixa a roça do Córrego Grande e vai morar no meio urbano de Mucuri, momento de sua vida no qual começa o trabalho como lavadeira. Nessa época conta que elas, as lavadeiras, eram muitas e que “ia aquele tanto, tinha o lajedo lá embaixo, aí quando cê passava, assim, tinha aquele tanto de roupa quarando”. (Lavadeira, 70 anos).

Sobre o trabalho das lavadeiras esta mesma senhora diz:

a gente ia esfregando e jogando na pedra, esfregando e jogando na pedra. Quando terminava de esfregar aquela trouxa de roupa todinha, ia, levantava e estendia tudo. E ia jogando água pra quará. Quarando, sol quente e aquela roupa ficava clarinha. (Lavadeira, 70 anos)

³ Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

Corroborando a fala desta moradora, temos a foto do Jornal Estado de Minas do ano de 1994 apresentada abaixo.

Fotografia 14 – Lavando roupa no rio Mucuri



Fonte: JORNAL ESTADO DE MINAS, 1994

Recorrendo ao depoimento da moradora lavadeira, ela conta que naquela época a vida era muito difícil em Mucuri, diz que:

viver é assim... a vida difícil, sofrida. Eu ia lavar roupa, eu levava os menino pro ri, não tinha quem oiasse, eu levava botava uma samba, na beira do ri eu deitava ês. Fui criada assim tudo assim nesse sofrimento. É por cauz diss que fiquei dessa idade e trabaian pros-outr, parei agora que depois que tá com uns 66 ano que eu saí. Fui criada numa vida sofrida. Antigamente pob tinha o direito de comer um pedaço de carn? Ô meu Deus do céu! A gente comia essas caça do mato, tatú, paca, cutia, aquele porco do mato, catitú, até carn de macaca eu já comi, catingueiro, capivara não, fede. (Lavadeira, 70 anos).

Segundo conta ainda esta moradora, em sua época de infância os mais velhos tinham o habito de caçar pra comer. Eles saiam cedo de casa para o mato buscando encontrar algo que pudesse servir de refeição para o dia. Conta também que inclusive as crianças caçavam animais pequenos. Sobre isso ela narra um episódio em que quase foi comida por um jacaré:

é tant que eu já tirei um anjo de saracura da boca de jacaré e não sabia... Nós morava na roça e tinha que atravessar um brej pra ir pro café, aí eu todo dia nós armava a arapuca do outro lad pra poder, debaixo do pé de café, pra podê pegar os lambu e jurití. Aí eu travessei o brejj pra podê oiá a arapuca pra ver se tinha passsarín e num tinha. Quando eu veio de lá pra cá, tal de saracura tav interrada na lama e batend asa. Eu fui e puxei ela, peguei ela assim e puxei. Quando eu puxei eu só vi levantar a cabeça assim, eu curri e atravessei o ri logo e cheguei. Quand eu cheguei em casa

e falei, ês falav que eu dei foi sorte, se ele passa aquel rab ni mim, ele tinha me matad. Eu dei foi sort. Aí eu cheguei lá e falei, aí mãe falô assim: cê tá doida, é jacaré, andou dele te pegá. [Por fim fala:] por causa de comer, pegar esses bicho pra comer, a gente fica doida caçando uma carn pra comer. (Lavadeira, 70 anos)

Esta moradora conta que não estudou e que em sua época era uma coisa também muito difícil. Fala que antigamente os professores iam à roça nas casas ensinar os meninos a estudar. Comenta que muitas vezes chegou a chorar com vontade de estudar, mas que não podia por morar muito longe e além disso porque sua mãe não deixava. Sob essas circunstâncias se lembra o que dizia sua mãe:

ela dizia que menina muié não podia aprendê leitura se não ia aprende escrever carta pra namorad. [...] [E acrescenta:] o pensamento antigamente as mãe era assim, pra gente namorar num tinha o direito de sentar junto dos namorad. Namorava era assim, os namorado chegava e ficava lá e nós cá e de vez em quando a gente oiava. (Lavadeira, 70 anos)

Em Mucuri existe além do morador antigo e da senhora lavadeira, o caboclo da roça, 38 anos, nascido em Mucuri e afeiçoado ao modo de vida na roça já há 20 anos. Este caboclo mora junto com sua esposa, que diz ser analfabeta e saber apenas escrever seu nome. A esposa do caboclo diz que chegou a frequentar a escola, porém não conseguiu aprender porque quase não podia ficar, já que necessitava ajudar a sua mãe no trabalho em casas de família. O caboclo diz também ter frequentado um pouco a escola e diferente de esposa comenta: “eu lê, de vez em quando eu pulo umas palavras só, mas pra traz eu não fico não”. (Caboclo da roça, 38 anos)⁴

Na roça em que moram, em direção a Pedra D’água, o caboclo e sua esposa tem uma vida simples e tranquila. Mucuri pra eles é um interior, um lugar que falta conforto, falta um hospital, uma boa delegacia com delegado, falta um médico de plantão no Posto de Saúde, isso porque quando precisam, no caso de uma emergência, devem se deslocar até Teófilo Otoni, e segundo eles se tivesse o médico, resolveria a situação. Mesmo assim, segundo diz o caboclo, viver em Mucuri “é bom, todo mundo é conhecido. Todo mundo tá tudo legal, e ... a comunidade é boa”. (Caboclo da roça, 38 anos)

Na roça, sobre o seu trabalho o caboclo comenta: “meu trabalho é... é só no causo é capinar, roçar, é machado... e se precisar alguma coisa assim, a gente pega

⁴ Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

no cabo da cuié, de pedreiro, né!” (Caboclo, 38 anos). Ainda sobre esse espaço o caboclo diz encontrar o que precisa, sua fonte de renda e sustento, no entanto, às vezes, precisa ir ao Mucuri pra pegar algumas coisas, tipo cereais. Sobre isso fala: “tem que buscar, porque no causo cê tem que buscá feijão, cê vai buscá arroz, cê vai buscá o oll, que é a gordura pra frita uma carn.” (Caboclo da roça, 38 anos).

Além do trabalho de roçar, capinar, pegar firme no machado, também o caboclo cuida das plantações na roça que são de tudo um pouco, de frutas a verduras. Sobre as plantações comenta que na roça têm “abroba, quiab, feijão, mi, laranja, eucalip... é de tudo as mudas, se for futuro pela frente, é tudo. [E também lá] o que caça se acha pra comer. Na roça tem de tudo, uma fruta, uma verdura”. (Caboclo da roça, 38 anos)

A seguir uma foto da casa do caboclo e sua esposa na roça.

Fotografia 15 – O caboclo e sua esposa em sua casa assistindo TV.



Fonte: Arquivo pessoal

Na roça, energia elétrica existe há pouco tempo, no entorno de 5 anos mais ou menos. A esposa do caboclo diz gostar de assistir televisão, comenta que sua TV só não fica ligada o dia inteiro porque está estragando, mas antes, quando a TV estava boa, funcionava o dia todo. Fala que cuida de suas coisas, seus afazeres, porém está sempre lá e cá, nos seus afazeres e perto da televisão. Já o caboclo um pouco diferente de sua esposa diz que se diverte e se realiza no seu trabalho. Comenta: “eu sinto feliz, no meu trabalho feliz, não preocupo com nada, sempre tranquilo”. (Caboclo da roça, 38 anos).

A algumas horas de caminhada da roça onde vive o caboclo e sua esposa, de volta ao meio urbano de Mucuri, vive uma senhora de 53 anos, assistente social, idealizadora e fundadora da Casa de Apoio a Criança e do Adolescente Lírios do Vale. Esta senhora, também natural de Mucuri, formou-se em Serviço Social após os 50 anos de idade e desenvolve trabalhos sociais em Mucuri já há alguns anos.

A Casa de Apoio Lírios do Vale, assim como é chamada em Mucuri, foi

fundada em 16 de março de 2008, é uma Associação, sem fins lucrativos, que terá duração por tempo indeterminado, sede no distrito de Mucuri, no Município de Teófilo Otoni, Estado de Minas Gerais, na Rua Moisés nº024, Bairro DNER e foro na cidade de Teófilo Otoni, Estado de Minas Gerais. (ASSOCIAÇÃO CASA DE APOIO A CRIANÇA E DO ADOLESCENTE LÍRIOS DO VALE, 2008)

Dentre as ações e finalidades da Casa de Apoio explicitadas em seu estatuto estão: o amparo às crianças e adolescentes carentes, à assistência educacional ou de saúde às famílias vulnerabilizadas, o trabalho pelo desenvolvimento da comunidade, o combate à fome e à pobreza, através de campanhas de distribuição de alimentos e agasalhos.

Sobre a casa de apoio temos a fotografia abaixo:

Fotografia 16 – Casa de Apoio Lírios do Vale



Fonte: Arquivo pessoal

Para esta moradora, Mucuri é como o resumo do seu mundo, lugar onde nasceu, cresceu, trabalhou, estudou, saiu e voltou. O que ela faz nesse seu mundo é tentar mudar uma realidade. Sobre isso comenta: “Mucuri tem um estigma sobre abuso e exploração sexual e, minha volta, o meu regresso para Mucuri, minha finalidade é essa, de tentar mudar”. (Assistente Social, 53 anos). Fala que o seu

desejo é que as pessoas vejam Mucuri com outros olhos, com os olhos que ela via antes, um lugar pacato e bom de se viver. Diz: “e é esse Mucuri que tento, vou fora, tento buscar experiências para trazer, para ser lançada dentro da nossa comunidade”. (Assistente Social, 53 anos)⁵.

Viver em Mucuri é muito tranquilo diz a assistente social, é um lugar muito calmo, principalmente para os mais velhos. Comenta ela:

nós nascemos e criamos aqui. Muita brincadeira, muita pipa, muita bolinha de gude, muita baliza, e naquela época era uma vida tranquila, porque não existia a droga, o craque, a cocaína como existe nos dias de hoje. No contexto social, Mucuri é um distrito que carece de mais assistência, para nossos adolescentes, para nossas crianças, [precisa] ter políticas voltadas para esse setor, para essa área. (Assistente Social, 53 anos)

Sobre o como é ser assistente social em Mucuri, ela diz que é um trabalho difícil, porque em função de questões políticas, muitos dos que deveriam ajudar em prol do social, muitas vezes, são os que impedem os trabalhos e impossibilitam o crescimento. Com certa indignação conta um episódio recente, em que havia visitado um jovem que tinha sofrido acidente e estava com a perna bastante machucada, e que este mesmo era quem fazia os próprios curativos, pois no Programa de Saúde da Família – PSF não tinha os equipamentos necessários, nem mesmo existia uma ambulância para levá-lo a cidade próxima. Esta moradora fala:

e aí a gente, por exemplo, a pessoa que ama, que gosta, que quer ver as coisas mudarem em Mucuri, sofre demais quando se depara com esse contexto. Porque eles procuram, tem Mucuri como fonte de trazer projetos sociais, só que os projetos não chegam como deveriam aqui no nosso distrito. (Assistente Social, 53 anos)

Ainda no depoimento desta moradora, essa diz gostar e amar aquilo que faz, e que esse seu amor contribui para que o trabalho aconteça de forma diferenciada. É um trabalho não “só pelo dinheiro, mas pela bem-feitoria” (Assistente Social, 53 anos). Ela deseja que os Mucurienses, se conscientizem, aprendam a buscar sua verdadeira noção e seu direito de cidadão.

Em Mucuri existe a aluna da escola, menina de 8 anos de idade. Esta criança é natural de Mucuri e descreve amar esse lugar, inclusive, é o lugar que ela mais ama na vida. Diz que já foi visitar o seu pai que não mora em Mucuri, mora em São Paulo e que ficou pensando que aquele, não era o seu lugar e sim Mucuri. Ela diz

⁵ Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

que ama sua família, seus parentes, suas coisas e que em Mucuri tem tudo, coisa que em outras cidades não tem. Segundo ela, “viver em Mucuri, é viver a vida, viver em paz, sem nada pra impedir e também viver muito feliz”. (Aluna da escola, 8 anos).

Sobre como é ser aluna em Mucuri esta criança fala:

é ser aluna própria, ter o seu futuro como quiser. Igual eu, quero ser arquiteta, mas eu só vou conseguir ser arquiteta se eu estudar e se eu fazer faculdade e fazer curso para arquiteta. Porque ninguém consegue sem o estudo. (Aluna da escola, 8 anos)

Na escola, diz ter muitos alunos e o professor que, segundo conta, é ótimo. Diz que adora educação física e a matéria que mais gosta é matemática. Fala que têm algumas pessoas que gostam de português, porque gostam mais de escrever. No entanto confessa gostar de todas, porém a que mais gosta é matemática porque é melhor no estudo. Comenta: “eu adoro a matéria de matemática, quer dizer, eu tenho que me corrigir, porque a gente tem que adorar a Deus e não a matemática, então eu gosto da matemática”. (Aluna da escola, 8 anos)

Para esta aluna “aprender é a gente estudar, ler livros e estudar, estudar, estudar, pra quando for ter prova a gente conseguir o total certo” (Aluna da escola, 8 anos). Explica que estudar é muito bom, porque ela consegue o que ela quer. Sobre seus aprendizados, comenta:

ó, eu já aprendi matemática de letra. [...] Se a gente não aprender algarismos romanos, a gente não consegue fazer matemática de letras, então é assim que a gente vai conseguindo as coisas. Eu aprendi algarismos romanos até sessenta antes de todo mundo da sala, por que, porque eu pensei: se cinquenta é o L, cinquenta e um é o L 1, é o L e um pauzinho, cinquenta e dois assim... e o sessenta é o L, é o X e o L, porque, não! É o L e o x, porque cinquenta mais dez, dez vale x, dá sessenta. (Aluna da escola, 8 anos).

Sobre o aprendizado da leitura ela fala: “Ah! A gente lê muito, muito, muito porque tia gosta da gente lê, pra na hora que perguntá, ah! tal e tal e tal e tal.” (Aluna da escola, 8 anos). Ainda sobre o aprendizado da leitura diz que foi muito bom, porque aprendeu a ler as coisas. Sobre o que acha de ler conta:

no tempo da minha vó não tinha estudo, minha vó – mãe da minha mãe – não tinha estudo. E ela precisa de ler as contas, por que, porque se ela não

lê, ela pode pagar errado. Entendeu? Aí eu tenho que pegar e ler, falar desse jeito: essa daqui já venceu, essa era de 5 de março, já venceu, você tem que pagar... e ela fala: ah, mas eu já paguei essa. E aí é assim por diante, eu vou lendo coisas. Quando minha mãe tá ocupada eu tenho que atender telefone, e o nosso telefone mostra o número ou às vezes o nome da pessoa. [...] Às vezes eu tenho que ler, e minha mãe fala: vê o número aí, aí eu falo: 3528 e falo o resto mas, as vezes é 88, vai um tanto de número. (Aluna da escola, 8 anos).

Quanto ao motivo de querer ser arquiteta diz ela:

na hora que eu vou pintar toda princesa eu falo, eu penso assim: aí se eu pintar de laranja esse vestido, será que vai ficar bonito? Aí eu penso e penso assim... eu olho o vestido e aí vejo na imaginação como é que eu ia pintar ele com o laranja. Aí eu vejo, ah vai ficar bonito! Vou pintar. Aí eu pinto e falo com minha vó, vovó, ficou bonito? E aí ela fala dess jeito: é pra falar a verdade mesmo? É... porque se eu pintar feio, na próxima princesa, eu pinto bonita. Aí ela fala dess jeito: tá bonito! [...] Aí por isso que eu quero ser arquiteta e também porque eu quero seguir o caminho do meu pai. Meu pai é engenheiro e engenheiro tem um arquiteto. Aí eu quero seguir. (Aluna da escola, 8 anos)

Esta aluna conta que foi sua tia que lhe falou sobre como é a faculdade e, que ela precisa aprender na escola antes de chegar à faculdade. Esta criança demonstra ser boa aluna, não esconde que às vezes tira B nas provas e que é sempre sincera, mostra os resultados à sua avó. Sobre isso diz: “quando eu tiro A eu tiro A, quando eu tiro B eu tiro B, quando eu tiro C eu tiro C, e qualquer letra, mas eu tenho que mostrar, porque isso, ela talvez, no que eu errei, talvez ela possa me ensinar em casa, e eu possa não errar na prova e ganhar A”. (Aluna da escola, 8 anos).

Em Mucuri morou um jovem senhor, professor de 26 anos e natural do distrito. Hoje, não mais professor em Mucuri, mora noutra lugar e em Mucuri é um estrangeiro-interligado. É estrangeiro porque tornou-se de fora e interligado porque está sempre presente. Mucuri para este jovem senhor é algo dele, como um lar, porém um lar que já foi muito mais e se faz atualmente como lugar de descanso, de rever os amigos e a família.

Sobre a vida em Mucuri ele conta que:

a vida em Mucuri é muito boa, agradável, assim, é... a gente chega em Mucuri e já é meio que abraçado pelo contexto, pela situação aqui, que é mais tranquilo, a vida mais pacata. Então, a vida aqui, em poucas palavras, ela se resume nisso: tranquilidade, paz. (Professor, 26 anos)⁶

⁶ Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

Sobre o tornar-se de fora em Mucuri, ele conta que isso se deu em função de uma necessidade de conhecer novas perspectivas: recursos, trabalho, situação financeira melhor, estabilidade, coisas essas, que em Mucuri ele não encontrava. Diz ainda que seus amigos colocaram perspectivas da realidade da capital, dos recursos, de uma vida mais agitada e isso o despertou, pois sentia necessidade de sair da paradeira. Diz ele: “a gente via aqui em Mucuri uma paradeira, a gente chamava Mucuri de paradeira”. (Professor, 26 anos). Recorrendo ao seu depoimento:

então a gente via essa necessidade de procurar algo a mais, estudar, trabalhar, crescer na vida, ser alguém, a gente sempre tinha essa coisa na escola e a gente via que Mucuri não tinha suporte pra isso, por ser um lugar pequeno, todo mundo conhece todo mundo, a gente sabe que não vai crescer financeiramente. [...] Então sempre, o jovem quando ele quer, quando ele espera por algo mais por ele, ele vai pra fora. (Professor, 26 anos).

Em relação a manter-se interligado ele fala que sente falta das pessoas de Mucuri que também sentem a sua. Segundo o estrangeiro interligado, quando ele aparece em Mucuri, querem saber como está, quais são as novidades, querem saber um pouco da sua vida e ele também da deles. Ele diz ser uma troca, e só de chegar lá já é uma novidade para as pessoas de Mucuri. Esse estrangeiro interligado comenta que: “Então a gente se enche disso, a gente esvazia um pouquinho da vida lá e enche um pouquinho da vida aqui”. (Professor, 26 anos).

Quanto a ser professor, sobretudo em Mucuri, ele fala que é algo mais que um emprego, é como uma filosofia de vida. Explica que ser professor é ser um facilitador, um agente de transformação e isso se intensifica em Mucuri, tem maior intensidade porque se conhece todo mundo, se conhece a história dos adolescentes, das crianças, dos pais e das mães. Segundo ele, o professor, mais do que ensinar conteúdo, prepara para a vida, prepara para uma futura profissão, ajuda o aluno a escolher aquilo que quer, levando pra ele valores. Sobre os valores comenta que independente do conteúdo da matéria, enquanto professor, leva para seus alunos valores, e que isso, em Mucuri, pelo fato de conhecer todos, toda a comunidade, se intensifica.

O ambiente da escola de Mucuri para este estrangeiro-interligado sempre foi um ambiente agradável, positivo e o professor é muito querido, é bem quisto no lugar e sempre respeitado. Diz ter sentido isso, um olhar diferente do aluno para o professor. Comenta ele: “você tá lá, é objeto de exemplo a ser seguido e rola uma admiração também”. (Professor, 26 anos)

Em Mucuri existe também uma moradora homossexual, 24 anos, que nasceu e foi criada na casa em que vive até hoje. Mucuri pra ela é um lugar onde as pessoas se sentem acolhidas. Ela diz que também se sente acolhida porque sua família mora em Mucuri, seu pai, sua mãe, seus tios, primos, avós, todos, inclusive parentes mais distantes. A esse respeito comenta:

então quando estou em Mucuri, é o momento que tô encontrando todo mundo, eu ando na rua eu vejo meu avô, aí eu dô bença pra ele, aí eu desço mais numa outra rua tá minha vó subindo pra ir na casa de uma tia minha, aí já dô outra bença pra ela e, as vezes, até acabo acompanhando ela até a casa dessa minha tia e assim vai fazendo aquela ligação, não dá pra correr desse vínculo familiar aqui, sendo a minha família toda daqui, tanto de parte materna quanto paterna. (Moradora, 24 anos)⁷

Para esta moradora, viver em Mucuri é levar uma vida tranquila, pacata e sem muita interferência do mundo tecnológico. Sobre isso, comenta que apesar de tudo o que o mundo tecnológico tem proporcionado, Mucuri preserva muito daquilo que era antigamente. As pessoas estão sempre nas casas dos seus familiares, estão sempre se encontrando com todos, coisa que ela observa ser diferente na cidade grande. Diz que não vê isso acontecer na cidade grande, “as pessoas não tem tempo e quando tem esse tempo, é tudo muito longe, é tudo muito distante, eu sinto que em Mucuri isso tudo fica mais próximo, fica mais perto de você”. (Moradora, 24 anos). Em Mucuri as pessoas, segundo ela, não se preocupam muito com o futuro, não se preocupam justamente por não terem uma perspectiva e possibilidade de crescer.

Quanto a sua homossexualidade, apesar de ser acolhida, esta moradora diz sentir-se “castrada”. Comenta: “Eu me sinto acolhida, mas eu sinto também que eu não posso ser realmente o que sou, e isso, me incomoda bastante”. (Moradora, 24 anos). Fala que ser homossexual em Mucuri é muito audacioso, tendo em vista que

⁷ Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

Mucuri é um lugar pequeno e que as tradições por mais antigas que sejam, ainda são muito fortes. Fala que é comum uma mulher engravidar sem estar casada, mas que até hoje em Mucuri isso é tabu. As pessoas encaram, ouvem, mas não aceitam e não conseguem entender. Diz ela: “e aí eu vejo a questão do homossexual, o homossexual, ele rompe com tudo isso. E viver em Mucuri sendo homossexual se torna algo realmente muito difícil, muito doloroso, porque você é taxado, você é excluído”. (Moradora, 24 anos)

Ainda sobre Mucuri esta moradora fala que as pessoas que não conhecem, quando conhecem se apaixonam por Mucuri, porque é pequenininho, todo mundo conhece todo mundo e quando você chega, você toma vários cafés da manhã enquanto vai conhecer os familiares de seus amigos que lhe trouxeram, e aí segundo conta, isso proporciona o tal acolhimento característico de lugar pequeno. Comenta que fica observando como eles ficam deslumbrados e fala:

é realmente maravilhoso pensa: você andar na rua e conhecer todo mundo, mesmo aqueles que você não tem muita intimidade, você sabe o nome e você cumprimenta na rua, e eles sabem o seu nome e te cumprimenta também. Essa proximidade é uma coisa que é muito valiosa e as pessoas hoje, elas perdem muito isso, principalmente nos grandes centros, nos grandes centros urbanos. (Moradora, 24 anos).

Em Mucuri vive também um outro morador, comerciante, 43 anos, que mora em Mucuri há 10 anos. Mucuri para este morador é uma comunidade, um local onde as pessoas buscam ter suas necessidades básicas atendidas. Diz: “é um local como qualquer outro, feito de pessoas, comércio, mas que precisa melhorar bastante”. (Comerciante, 43 anos)⁸. Acredita que por ser um lugar pequeno, um distrito, tem muitas coisas necessárias que a comunidade não dispõe, como atendimento médico adequado, e outras que numa cidade maior se poderia encontrar e em Mucuri não se encontra.

Este morador fala que Mucuri tem necessidades de melhorias e acredita que se tivesse uma prefeitura, isso já seria uma possibilidade de gerar mais empregos. Fala que a fundação de uma prefeitura poderia ser um sinal de desenvolvimento, visto que teria um fundo participativo e outros respaldos.

⁸ Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

Enquanto comerciante em Mucuri, este morador aponta algumas limitações do comércio. Coloca que as pessoas em Mucuri não dispõem de recursos para estar comprando e que muitas vezes, o retorno nem sempre é suficiente pra que o negócio se mantenha. Em relação a isso explica: “então, a gente contando com as limitações do cliente, temos que ter limitações também dentro do comércio, e não buscar, esperar, não ter expectativas muito grandes com relação ao crescimento”. (Comerciante, 43 anos). Este morador coloca ainda que muitos que colocaram comércio não ficaram, acredita que talvez por esperarem um retorno, um retorno que crê dificilmente vir na situação de Mucuri. Este morador fala que é uma pessoa tranquila, de família humilde e isso pode até parecer um ponto negativo: o fato de ele não ter toda uma ambição em relação ao dinheiro. Viver em Mucuri pra ele é viver em tranquilidade, comodidade e apesar das deficiências é acima de tudo um lugar tranquilo, com pessoas simples e humildes.

Em Mucuri moram os visitantes da praça que todos os dias à noite, estão rua (praça). Para eles a praça é o lugar de encontrar os amigos, conversar, jogar conversar fora, trocar ideias e também de levar os filhos para brincar, pois é o único lugar de lazer que se tem em Mucuri. Ainda sobre isso acrescentam: “é uma coisa que a gente já acostumou, é a única coisa praticamente que tem pra fazer todos os dias: vir pra cá pra pracinha, conversar, curtir. Tudo em Mucuri está baseado aqui”. (Visitantes da Praça).

A praça de Mucuri pode ser visualizada na imagem abaixo:

Fotografia 17 – Praça de Mucuri



Fonte: Arquivo pessoal

Para um dos visitantes da praça, Mucuri é o lugar onde estão suas raízes, sua história, um lugar que faz parte de sua vida e de seu ciclo. Fala que Mucuri é um lugar bom de se viver, principalmente para os mais velhos, no entanto já para os mais jovens, não oferece muitas condições. Outro visitante fala que é um lugar “muito sossegado, todo mundo convive muito bem” (Visitante da Praça)⁹.

Em Mucuri existe também um pastor, 64 anos, que mora em Mucuri desde o ano de 1984. Para o pastor Mucuri é um distrito, um lugar que apesar de certas dificuldades, é bom de ser morar. Ele diz que têm várias coisas que precisam melhorar, no entanto coloca que as questões relacionadas à saúde são as mais importantes. Diz: “é um lugar bom de viver. Falta o trabalho também pra melhorar ainda mais”. (Pastor, 64 anos)¹⁰.

Este pastor fala que pertence a Igreja Batista a qual participa junto ajudando na divulgação do evangelho. Sobre esse trabalho que diz ser um trabalho de evangelismo, comenta que também tem suas dificuldades, mas que é bom e que de alguma maneira se sente feliz. Fala: “me sinto feliz por ter também a oportunidade de tá falando do amor de Deus para as pessoas, que precisa de entender, que Jesus morreu por elas”. (Pastor, 64 anos). O trabalho do pastor consiste em ajudar a “abrir a mente das pessoas a buscarem mais a Deus, a voltarem mais para Deus”. (Pastor, 64, anos).

O pastor diz ter um desejo, o de que Mucuri melhore sempre, e que, o que ainda estar por ser colocado, venha a ser colocado no lugar. Isso, sugere ele, deve acontecer buscando a Deus, “e buscando a Deus, para que Deus possa estar orientando, cada liderança, não só no sentido político, para que assim as coisas possam melhorar pro Mucuri”. (Pastor, 64 anos).

Em Mucuri vive também a bijuseira, de 52 anos e seu pai de 80 anos. O pai da bijuseira morava na cidade de Itaipé e conheceu Mucuri quando tinha 15 anos de idade. Sobre essa época comenta a bijuseira: “na época que pai vinha, era tudo no lombo do burro, do animal. O transporte que existia era animal, no lombo do animal, não tinha estrada e o carro era mais difícil”. (Bijuseira, 52 anos). Já a bijuseira morava na roça da Pedra D’agua e foi morar em Mucuri aos 17 anos de idade. Ela ainda comenta que naquela época tudo vinha da roça e trazido pelos animais de carga para ser comercializado em Mucuri debaixo do pé de jaca. Os animais

⁹, ¹⁰ Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

carregavam: “farinha, café, folha de taioba, inham, batata, banana”. (Bijuseira, 52 anos).

Esta moradora diz que já vendeu muita coisa debaixo do pé de jaca, vendeu biju, biscoito, geleia de mocotó, pamonha, mingau de milho, vendeu de tudo, tudo que se fazia na casa do seu tio. Ainda sobre o seu trabalho, a bijuseira fala que aprendeu com a sua tia, esposa do tio, uma baiana que trouxera da Bahia várias receitas, inclusive o biju que, segundo acha, sofreu modificações na receita. Diz ela: “deve ser que ele mudou, porque baiano, acho que não faz esse tipo de beju não, que ela faz”. (Bijuseira, 52 anos)¹¹.

Na fotografia abaixo é possível visualizar a bijuseira e seu principal instrumento de trabalho, o forno, no processo de produção das quitandas.

Fotografia 18 – A bijuseira produzindo biju.



Fonte: Arquivo da pesquisa

Em Mucuri vive também um universitário de 32 anos, que não é natural do distrito, porém, o abraçou como sua terra. Para este universitário Mucuri é como um ponto de apoio, porque todos que chegam são bem recebidos e bem acolhidos. É um lugar que ele acredita ter surgido do nada e com o tempo, tornou-se um local familiar, um ambiente que apesar do não parentesco, é como se fossem todos da mesma família.

Segundo este morador,

¹¹ Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

viver em Mucuri, é viver tranquilo. É viver talvez desligado da tecnologia, do mundo, mas viver em um local tranquilo, fora de muita correria, da exaustão que nós temos no mundo atual. Porque Mucuri é um pouco desconectado da realidade do avanço tecnológico, mas é um local que dá pra viver tranquilamente desde que você vai fora buscar uma fonte de sobrevivência, uma fonte de conhecimento. (Universitário, 32 anos)¹².

Sobre ser universitário, fala que é como sair fora da realidade de Mucuri e buscar algo. Ele acredita que o objetivo da maioria dos universitários é esse, o de buscar um enriquecimento científico para Mucuri. Coloca ainda que o número de universitários deveria ser bem maior ao que é hoje, pois acredita que o século XXI é o momento exato para se buscar conhecimento. Segundo ele, “é o momento exato para que as pessoas de Mucuri possam buscar esse conhecimento, buscar essa ampliação de conhecimento, ampliação científica para que possa trazer Mucuri, a uma realidade do século XXI”. (Universitário, 32 anos)

Este universitário contrapõe a realidade de Mucuri com a realidade científica, fala que a realidade de Mucuri é baseada nos costumes e tradições, que permanecem imutáveis, diferentemente da científica que não tem verdades absolutas. Diz: “quando a gente olha para o lado científico, que vemos que não tem verdade absoluta e nem algo que você possa afirmar que é isso e não muda então, a gente vê que é totalmente distante da realidade de Mucuri”. (Universitário, 32 anos).

Assim, nesse percurso traçado que primou por narrar à história do distrito de Mucuri, em meio a enigmas, no entorno dessas várias vozes, elementos, espaços e signos que compõe essa realidade e transversalizam dimensões sócio-históricoculturais, nos direcionamos a uma perspectiva da complexidade que ao conectar diversidades, compõe multiplicidades, polissemias e polifonias.

3.2. As multiplicidades polissêmicas e polifônicas de Mucuri

As multiplicidades, a polissemia, a polifonia, é o caminho que nos aponta as cartografias do distrito de Mucuri. Cartografar Mucuri é ler Mucuri enquanto rizoma. Ler Mucuri enquanto rizoma é, por meio de conexões, desconexões e novas

¹² Dados das entrevistas. Pesquisa de campo realizada no distrito de Mucuri em abr. 2012.

conexões, diferentes elementos, signos e espaços, narrar o que nesse povoado acontece. É, sobretudo, na intensidade da linguagem orquestrar as vozes ali presentes. É evidenciar elementos históricos, sua importância e marcas na temporalidade, é extrair significados outros, compreendê-los e aproximá-los aos não-ditos, ao que escapa por assim dizer as palavras, aos discursos e ideologias dominantes.

Ao traçar esse caminho - ler Mucuri enquanto rizoma - é também uma tentativa de buscar o conhecimento diante a complexidade, é esforçar-se num distanciamento de cismões e dogmas reducionistas, e assim, romper com a lógica dicotômica, a dicotomia sujeito e objeto. Nessa direção é falar também de subjetividade, de como se processam e se articulam as relações de produção subjetiva, as relações que permitem com que nos tornemos sujeitos.

A cartografia do distrito de Mucuri inclui também uma compreensão do não esgotamento de leitura dessa realidade, pois esta como rizoma e como mapa, constantemente se transforma, sujeita-se assim as exterioridades de forças que atuam e modificam a realidade.

Assim, como se refere Baremblytt ao trabalho da esquizoanálise, cartografar Mucuri é também entender e denunciar dois valores: o Bem e o Mal e o que desses valores afetam as singularidades e impedem a potência desse agir. Deste modo, em outras palavras, é valorizar as singularidades em detrimento aos dogmas, é lutar pelos direitos dos imigrantes ilegais, das minorias dominadas, exploradas e marginalizadas.

Mucuri enquanto um rizoma é um pequeno vilarejo, que situado às margens do rio e da BR, agencia na temporalidade uma série de elementos históricos heterogêneos, uma série de dimensões sócio-ideológicas que, numa passagem temporal de transformações, compõe o que é hoje essa realidade. De forma a evidenciar esses atravessamentos, recorro ao contexto da realidade brasileira, no qual permeou uma política de exploração e ocupação de espaços, estabelecida no segundo reinado, que não só impactou e transformou a região do Vale do rio Mucuri, mas que também culminou nas condições para o surgimento de Mucuri como povoado.

Além das marcas histórico-simbólicas da exploração do Vale do Mucuri, atravessam o povoado de Mucuri uma pluralidade de elementos heterogêneos: povos indígenas, negros, caboclos, pobres marginalizados e viajantes. Essa

heterogeneidade nos remete aos princípios do rizoma, que ao conectar diferentes outros, aglomera dimensões múltiplas.

No nascimento do distrito de Mucuri, em suas primeiras e poucas casas afastadas e a presença da pequena igreja, que no início circundaram o pé de jaca, é possível uma leitura rizomática. É possível ao compreender nesse território, os movimentos de desterritorialização, que ao veicular notícias, o auto falante produzia. Podemos proferir, a partir de uma compreensão esquizoanalítica, que aquele auto falante não só veiculava notícias e tocava a hora da ave-maria, mas em concomitância a isso, funcionava como canal difusor e abundante de uma série de elementos signico-ideológicos.

De forma a visualizar as dimensões do rizoma-Mucuri, temos a imagem abaixo:

Mapa 02 – Mucuri enquanto rizoma



Fonte: Criado pelo autor através do software Google Earth

A imagem acima nos remete a perspectiva das dimensões, das grandezas e determinações do rizoma, ou seja, ao princípio de multiplicidade. É possível observar a partir da imagem, que não há unidades explicitadas e sim um plano dimensional, na qual se destaca uma dimensão natural geográfica.

Nesse caminho, de acordo com Guatarri e Rolnik (2000), a dimensão das multiplicidades nos aponta a dimensão molecular, ou seja, aos fluxos: semióticos,

naturais, sociais. No caso da imagem acima, os fluxos materiais da territorialidade do distrito de Mucuri.

Todavia, o rizoma não é só feito por dimensões moleculares, é também feito por ordens molares, que correspondem às estratificações. Estratificações que inclusive “delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência”. (GUATARRI E ROLNIK, 2000, p. 321). Na imagem acima evidencia-se a ordem molar: no rio, na BR, nos morros e nas estradas de chão.

Nas palavras de Baremlitt, “o rizoma [...] não tem um centro ou um tronco a partir do qual se pode constatar que se desenvolveu [...], seus limites externos não são passíveis de ser circunscritos”. (BAREMBLITT, 2010, p. 140). O rizoma-Mucuri como na imagem supracitada, não tem centro ou um tronco a partir do qual pode constatar que se desenvolveu, há uma dimensão urbana central, mas há também suas inúmeras comunidades rurais, onde seus limites externos não são passíveis de ser circunscritos.

As comunidades rurais do distrito de Mucuri: Rio Pretinho, Degredo, Inveja, Surucucu, Beija Flor, Cristal, Colônia, Crisólita, Lajinha, Bonfim, Córrego Grande, Córrego Sumidor, Muntunzinho, Muntunção, Cana Braba, Serra do Honório, Barra Nova e Pedra D’água, as também chamadas grotas, são como linhas de fuga, permitem o brotar da vida dos mais variados e imagináveis espaços, como é o caso dentre outros da vida da senhora lavadeira, nascida no Córrego Grande e da Bijuseira, que morava na Pedra D’água.

Assim, de acordo com Deleuze e Guatarri,

todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído. [...] Compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar”. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, P.18)

O princípio de ruptura a-significante no rizoma-Mucuri ocorre, em suas mais variadas formas, toda vez que desterritorializações acontecem, ou seja, quando ordens molares, estratificadas, territorializadas, significadas, atribuídas e organizadas, explodem em linhas de fuga. Corroborando isso, exemplifica-se a situação acima descrita das desterritorializações que possibilitaram a senhora lavadeira e a bijuseira, abandonarem seus antigos territórios-significados para habitarem um novo, o meio urbano de Mucuri. De outro modo, quando o molar-atribuído-significado se rompe, dá-se espaço aos fluxos, ao molecular, as dimensões

das multiplicidades que, segundo Deleuze e Parnet (1998), ao produzir algo real, criam vida.

Ainda sobre as rupturas, Deleuze e Guatarri ressaltam:

faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nelas organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito. [...] Os grupos e os indivíduos contêm microfacismos sempre a espera de cristalização. (Deleuze e Guatarri, 1995, p. 18).

Desse modo, quando em Mucuri é colocado por uma moradora que ser homossexual é audacioso e implica romper com tradições, como explicitado na fala subsequente: “e aí eu vejo a questão do homossexual, o homossexual ele rompe com tudo isso” (Moradora homossexual, 24), evidencia-se um movimento de ruptura a-significante. Que em outras palavras significa abandonar modos de existências pré-estabelecidos, romper com antigos padrões delimitados e, em meio a fluxos e movimentos de desterritorialização, produzir novas territorialidades: novas atribuições, novos significantes, novos sentidos, novos mundos, novos modos de existência. Modos que, por sua vez, podem sofrer novas rupturas. A todo o momento estamos sujeito às rupturas, passíveis de abandonar antigos modelos e reencontrarmos novas organizações.

O princípio de decalcomania do rizoma, orienta-se a mostrar justamente o que o rizoma não é, ou seja, o não decalque. Nesse sentido, Mucuri enquanto rizoma não deve ser explicado baseado em modelos estruturais ou gerativos, pois como diz Deleuze e Guatarri (1995), o rizoma é antigenealogia.

O rizoma aproxima-se ao que Deleuze e Guatarri (1995) chamam de evolução a-paralela, que afasta-se por assim dizer aos modelos estruturais, genealógicos e de descendência arborecente. No rizoma acontecem os transbordamentos, em que elementos heterogêneos encadeados transversalmente, compõem o movimento um do outro. No rizoma-Mucuri, em sua história, evidencia-se uma série de elementos heterogêneos - históricos, semióticos, sociais - que expressados em sua pluralidade étnica, se encadeiam transversalmente, compondo outros movimentos e inclusive subjetividades, que entrelaçadas coexistem e resultam essa territorialidade.

No entanto, como ressaltam Deleuze e Guatarri (1995), “existem estruturas de árvore ou de raízes no rizoma, mas inversamente, um galho de árvore pode

começar a brotar em rizoma” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.24) e liberá-lo do decalque.

Em Mucuri há também estruturas arborecentes: costumes, crenças, hábitos, modelos-decalques, instituições. Estruturas que moldam, atribuem, significam e inclusive delimitam objetos e sujeitos. Porém tal qual o rizoma, essas estruturas podem brotar em rizoma, haja vista o depoimento da senhora lavadeira sobre o que sua mãe lhe dizia e que hoje não mais se verifica em Mucuri:

ela dizia que menina muié não podia aprendê leitura se não ia aprende escrever carta pra namorad. [...] [E acrescenta:] o pensamento antigamente as mãe era assim, pra gente namorar num tinha o direito de sentar junto dos namorad. Namorava era assim, os namorado chegava e ficava lá e nós cá e de vez em quando a gente oiava. (Lavadeira, 70 anos)

Ainda nesse sentido, como colocam Deleuze e Guatarri (1995), o pensamento não é arborecente, ele é rizomático, se define pelo fora, pela linha abstrata, de desterritorialização segundo a qual ele muda de natureza ao se conectar às outras rizomaticamente.

Ainda que rizomático, há domínios que o pensamento esforça-se por fazer-se arborecente. Deleuze e Guatarri apontam que o modelo da árvore dominou a realidade do pensamento ocidental. O pensamento arborecente está presente fortemente no ocidente: no Brasil, em Minas Gerais, no Vale do Mucuri, no distrito de Mucuri, na Escola de Mucuri, nos alunos de Mucuri, no povo e símbolos de Mucuri.

Deste modo, ainda de acordo com Deleuze e Guatarri,

o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ser, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. [...] A árvore-raiz e o rizoma canal não se opõe como dois modelos: um age como modelo e decalque transcendente, mesmo que engendre suas próprias fugas; o outro age como processo imanente que reverte o modelo e esboça um mapa, mesmo que constitua suas próprias hierarquias, e inclusive suscite um canal despótico. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 31-36).

Nessa direção nos encontramos novamente com a perspectiva do mapa, ou seja, com o princípio de cartografia, que coloca as múltiplas entradas existentes no rizoma e inclusive possibilidades de leitura. Pois como diz Deleuze e Guatarri: “o mapa é aberto, é conectável, em todas as suas dimensões, desmontável, reversível e suscetível de receber modificações constantemente”. (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p.22).

Cartografar Mucuri é também dizer de subjetividades, de subjetividade enquanto um rizoma que, com suas linhas: duras (molares, estratificadas, territorializadas, atribuídas, significadas, organizadas) e de fuga (moleculares, desterritorializantes, de fluxos, de intensidades, de multiplicidades), está agenciada a tudo que nos rodeia.

A subjetividade no rizoma-Mucuri não se processa nos seus indivíduos, nem em entidades sociais predeterminadas, uma vez que como agenciamento coletivo de enunciação, ela encontra-se em determinações coletivas-sociais de várias espécies.

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação, ou seja, por conexões signo-ideológicas. Como compreende Bakhtin (2010), a enunciação é resposta do diálogo social, ela é social, portanto ideológica.

Por assim dizer, a subjetividade em Mucuri é produzida nos mais variados entrecruzamentos histórico-signo-ideológicos. Se dá a partir de uma pluralidade infindável de máquinas de expressão ideológicas: as escolas, as religiões, a ordem capitalística, a realidade histórico-econômica de exploração do Vale do Mucuri. Por todos esses equipamentos e instâncias que definem maneiras de perceber o mundo.

A partir de Bakhtin (2010) e da interlocução com Deleuze e Guatarri, podemos entender que as máquinas de expressão ideológica refletem e refratam a realidade a sua própria maneira. Elas definem a partir de seus sistemas de signos: palavras, enunciados, sentidos e discursos, os modos de relações humanas, inclusive modos de representação inconsciente. (DELEUZE; GUATARRI, 2000).

Os campos de criatividade ideológica existentes em Mucuri, por meio de seus signos e o que eles comportam como possibilidade, definem modos de se acreditar, modos de se valorizar, modos de se amar, de se desejar, enfim, maneiras de existir.

Em Mucuri e no mundo, nos orientamos a partir dos mais variados campos de expressão ideológica disponíveis, campos esses que se entrelaçam e, transvesalizados, se metamorfoseiam na temporalidade histórica e nos movimentos da vida. Segundo Guatarri e Rolnik o nosso “desejo mostra-se em conexão direta com os mais diferenciados elementos do seu entorno que vão da família ao cosmos” (GUATARRI E ROLNIK, 2000, P.40)

Portanto, a subjetividade que se transborda no entre, e conecta simultaneamente o aquém e além, se faz e se alimenta de signos, não por signos estáticos do objetivismo abstrato saussuriano, mas por signos vivos, signos

rizomáticos, que comportam o semiótico e o material ao mesmo tempo. Segundo Bakhtin,

nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da *unidade da consciência verbalmente constituída*. A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente. Assim, ondas crescentes de ecos e ressonâncias verbais, como as ondulações concêntricas à superfície das águas, moldam por assim dizer, cada um dos signos ideológicos. Toda *refração ideológica do ser em processo de formação*, seja qual for a natureza do seu material significante, é *acompanhada de uma refração ideológica verbal*, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. (BAKHTIN, 2010 p. 38)

A partir dessa perspectiva que aglomera dimensões múltiplas, compreendemos como se tecem as subjetividades, como se narram os sujeitos. Somos tecidos por uma multidão de fios ideológicos que, como rizoma: duros e flexíveis, conscientes e inconscientes, compõe a trama das relações sociais.

Assim, por meio das reflexões aqui desenvolvidas, de uma proposta que primou pela complexidade que é ler Mucuri enquanto rizoma e discutir as relações de produção de subjetividades, faz-se, pelo estudo, uma proposição a revisitarmos lugares ideológicos: pessoais, profissionais e sociais.

A reflexão deste estudo apela a uma compreensão crítica de como nos situamos nas tramas do mundo e, assim, no entendimento da maneira pela qual esse nosso “estar” afeta e altera nosso entorno: subjetividades, coletividades e histórias.

4. CONCLUSÃO

O estudo de Mucuri como rizoma, por meio de uma compreensão esquizoanalítica que busca a complexidade, mostra-se relevante à produção de conhecimento para a Psicologia, pois ao problematizar realidades sócio-históricoculturais no entendimento da subjetividade, esforça-se num distanciamento de cismões e dogmas reducionistas. Este estudo, ao buscar a complexidade afasta-se de noções que concebem a realidade de maneira estática e aproxima-se de uma perspectiva dinâmica, uma concepção que abre-se às transformações e forças externas que atuam e constantemente modificam a realidade e, inclusive, as subjetividades.

Para a Psicologia torna-se proeminente por romper com a lógica dicotômica: subjetividade e objetividade, apresentando-se assim como alternativa ao saber disciplinar, que na modernidade imperou e compartimentou o conhecimento. Em outras palavras, abre espaço a uma perspectiva transdisciplinar que, ao problematizar realidade, convoca a Psicologia à sua responsabilidade e compromisso ético, político e social.

A problematização semiótica no estudo de Mucuri, mais especificamente do signo linguístico, possibilita ainda, a partir das contribuições de Bakhtin, um entendimento aprofundado dos processos conscientes e inconscientes humanos. Pois não dissocia esses de sua dimensão material. Essa compreensão torna-se extremamente relevante para a psicologia, pois evidencia a consciência e o inconsciente, a partir de suas dimensões sócio-histórico-ideológicas. Em outras palavras, entende a consciência para além dos processos intrapsíquicos, evidenciando também sua dimensão sócio-ideológica. Bakhtin, diferente de Saussure e seu objetivismo abstrato, entende o signo como reflexo da realidade material, que está em constante transformação, se modificando a medida que se modificam as relações sociais.

Assim, a dimensão sócio-ideológica, operadora dos processos conscientes e inconscientes, ou seja, de subjetivação, está em constante transformação, fazendo da subjetividade um fenômeno transindividual e transcultural.

REFERÊNCIAS

ACHTSCHIM, Márcio et al. **As Gerais Distantes das Minas: Fragmentos da História do Vale do Mucuri**. Teófilo Otoni: Frota, 2009. 78p.

ASSOCIAÇÃO CASA DE APOIO A CRIANÇA E DO ADOLESCENTE LÍRIOS DO VALE. **Estatuto**. 2008. Mucuri: Lírios do Vale, 2012.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Filosofia da Linguagem**. Trad. Hucitec Editora Ltda. São Paulo: Editora Hucitec. 2010. 203p.

BAREMBLITT, Gregório. **Introdução a Esquizoanálise**. 3. Ed. Belo Horizonte: FGB/IFG. 2010. 147p. (Coleção Esquizoanálise e Esquizodrama)

CELESTINO, Maria V. de Almeida. **Mucuri: Signos de uma história**. 2012.

Disponível em: <

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=120628549&tid=5694096963377120881>>. Acesso em 11 de jan. 2012.

COMPANHIA DE SANEAMENTO DE MINAS GERAIS. **Relatório de Qualidade da Água**. Mucuri: COPASA, 2009.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Logica do sentido**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 342p. (Estudos) ISBN 8527301385

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol.1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995- nv. (Coleção Trans) ISBN 8585490497 (v.2)

GOMES, Arthur Parreiras. **O Narrador nos tempos hipermodernos: a cartografia e o romance**. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_GomesAP_1.pdf> Acesso em: 13 set. 2011.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2000. 327p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Atlas Geográfico Escolar**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/atlasescolar/apresentacoes/oquee.swf>>. Acesso em: 05 out. 2011.

LIMA, Samuel C. **Escola Estadual de Mucuri**, 2011. 1fot.

OLIVEIRA, Teófilo Carlos de. **Missão Cristã no Mucuri: Desocupação das Terras e Disciplina para o Novo Trabalhador Mineiro**. *In*: As Gerais Distantes das Minas: Fragmentos da História do Vale do Mucuri. Teófilo Otoni: Frota, 2009. Cap. 1, p. 10-27.

PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO. **Cantos para a Procissão**. Mucuri: 2012.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A Cartografia e a Relação Pesquisa e Vida**. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 2, maio/2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a03.pdf>> . Acesso: em 28 set. 2011

SCHIRMER, Alberto. **A Filadélfia de 1860**. *In*: As Gerais Distantes das Minas: Fragmentos da História do Vale do Mucuri. p.62. 1. Quadro

SCHIRMER, Alberto. **Fazenda Itamunhec**. *In*: As Gerais Distantes das Minas: Fragmentos da História do Vale do Mucuri. p.65.1. Quadro

SOUZA, Júlio César S. **A bijuseira produzindo biju**, 2011. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **A queda d'água**, 2012. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **BR 116**, 2011. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **Casinha rústica de Mucuri**, 2011. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **Distrito de Mucuri**, 2012. 1 mapa.

SOUZA, Júlio César S. **Morador na porta de casa**, 2011. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **Mucuri enquanto rizoma**, 2012. 1 mapa.

SOUZA, Júlio César S. **Mucuri dividido pela BR 116**, 2011. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **O caboclo e sua esposa em casa assistindo TV**, 2012. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **O verde das árvores**, 2012. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **Região Comercial de Mucuri**, 2011. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **Praça de Mucuri**, 2011. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **Procissão de Domingo de Ramos**, 2012. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **Procissão de Domingo de Ramos II**, 2012. 1fot.

SOUZA, Júlio César S. **Rio Mucuri**, 2011. 1fot.

SOUZA, Neidiane Ferreira. **Cachoeira de Mucuri**, 2005. 1fot.

Werneck, Gustavo. **Um rio de náuseas corre pelo Vale do Mucuri: Choque entre o respeito e o descaso**. Estado de Minas. Belo Horizonte. 10 de abr. 1994. Meio Ambiente, p. 18.